





# Demanda Infinita

De como nunca desisti de procurar o amor

Victor Mota



# 1.

Antenor Gonçalves continuava a sua demanda, mesmo que pensasse que podia estar eternamente nisso, a demanda pelo amor. Mas, em certo sentido, isso seria aprisionar o amor que estava à solta e que não pertencia a ninguém. A canção também diz isso. Encontrara em tempos o amor mas não quisera precipitar-se e deixou-o cair, desaparecer, desvancer. Agora vivia tempo de dor e solidão, de dor da solidão. Mas continuava com a esperança acesa, por mais tolo que isso fosse parecer. Mesmo aos olhos delas. De algum modo, o seu destino, olhando para o passado, não havia sido cumprido, se olharmos em termos de senso-comum: não havia casado, e pouco havia trabalhado. Mesmo nos amores, havia tido poucas relações, duas ou três em que considerava ter amado e sido amado. Mas as coisas persistiam e o sentimento de frustração, mesmo olhando ao caso dos seus irmãos, fora irregular e angustiante, sempre querendo e nunca encontrando verdadeiramente o objeto de sua paixão. E estava ali, à janela, batendo um texto, nos alvares do século vinte e dois, como uma luz ao sol que caía rua abaixo na esbelta cidade...

# 2.

Muita sorte tinha o Raminhos, de ter encontrado uma mulher que o compreende. Antenor continuava à toa em Lisboa, cidade que parecia não lhe dar o fruto de uma amizade, de um amor. Mas, enfim, há muitas formas de amor, não precisamos de casa para o compreender. Nem todos são feitos ou formatados para o mesmo tipo de relações que pertencem ou se constituem como norma. A tese deste livro seria, então, não desistir do amor até que ele se encontre, embora já estivesse tardando e a procura, a busca, fosse algo inglória. Mas haviam sido superador bastantes obstáculos no nosso encaço. Sim, Antenor comntinuava buscando a sua alma-gémea, que se coordena em vários anos de amor e que logo se vai embora, assim é o interesse das relações humanas. Ao mesmo tempo, buscava legitimação académica e estava ficando com a ligeira ideia de que, por um lado, o seu sucesso incomodava muita gente e, por outro, que lhe queria fazer a folha.

# 3.

Perdi o número das mulheres que conheci, mais ou menos romanticamente, o número daqueles com que me deitei. Mas creio que sempre fui guiado por um lema: procurava aquela com quem pudesse viver, fazer parilha. Tive três, quatro, com os quais isso estive para acontecer. Mas não aconteceu. Porquê? Talvez hormonas, talvez condição sócio-económica, não sei. De modo que, fui sendo mais ou menos celibatário ao longo da vida. De modo que fiz uma aposta na formação, não queria desatenções e entregas totais, por um lado, e tornava-me cada vez mais exigente na minha demanda pela minha mulher, fosse ela perfeita ou não, tivesse eu tendências homo ou não.

Ainda assim, a minha presença era incómoda em vários lugares, que fosse porque me tivessem ostracizado, quer porque, por outro lado, havia vencido sem a ajuda deles. Digo deles, de certos professores e certas universidades por onde

passara e locais onde procurava emprego. Vivia em Lisboa e a minha presença, creio, era geralmente bem aceite, não só porque havia feito uma série de ritos de passagem na sociedade lisboeta, quer porque ajudara muita gente, sob as mais diversas formas, incluindo monetariamente.

Finalmente encontrei. Uma viúva. Lá estava eu com vontade de preencher a ausência física de um ente mais ou menos amado. Este romance poderia ficar por aqui, mas vou tirar mais nabos da púcara do meu passado na relação com as mulheres. Aprendi a não pedir demasiado da realidade e estar à altura dos acontecimentos, fossem eles quais fossem. Fui ao aeroporto desopilar. Entretanto, mais uma me ligou para marcarmos encontro. O desvelo é que ela estava nos Olivais e não media um palmo de terra à frente, talvez fosse cega ou tivesse chegado há pouco tempo a Lisboa.

## 4.

O certo é que conhecera inúmeras mulheres e não atinava com nenhuma, as mais recentes a viúva e a brasileira que não sabia sequer o nome da rua onde vivia nem tinha andado de metro. De cada vez que me passavam, imagens homo pela mente, lembrava-me do meu irmão, o único homem que amava. Isto era uma cegarrega, em Lisboa e ainda nem sequer tinha começado o Verão. Fechado em casa, procurava levar a vida, tanto quanto pudesse sem grande reboliço, tinha um jogo de xadrez activo, pensava na aldeia que iria adoptar como morada, além das duas viúvas de mais de sessenta anos com quem estava em contato. Enquanto via

um filme de acção na TV desfilavam sobre o escrutínio da minha mente as imagens das mulheres que amei e menos foram aquelas que me amaram, ainda assim bastante presentes na minha memória.

Claro que queria conhecer uma miúda da minha idade, ou menos, ou pouco mais, mas bela e bem dotada. Mas, de certo modo, não tinha condições para tal. De resto, nunca tivera condições para tal, muito menos casar. Vingara num mundo em que os homens são raros e até considerados um pouco raros, as letras, terreno próprio para as mulheres. Não ousava ir ao ISCTE, porque não me queria chatear, tão pouco a Letras, pois via mais longe a possibilidade de discutir a tese. Andava, como sempre, de um lado para o outro da casa, sem saber o que fazer, se deixar assentar a poeira seria o melhor, se me mexendo dentro de um universo mais definido e delimitado. Tinha a ideia mais do que certa que havia perdido e inspiração e não sabia se iria continuar a este livro, quanto mais acabá-lo. O meu corpo estava seco de inspiração, enquanto o cacto da janela havia criando longas raízes somente alimentado a água...

5.

Talvez, na nossa sede de homens amantes, queiramos apenas a quentura do berço, isto é, agradar à nossa mãe, através de uma mulher que nos está à frente dos olhos. Talvez. Ou não, talvez queiramos apenas destacarmo-nos, sair do crisol do ninho materno e vingar em nome da nossa mãe, que muitas vezes tem sentimentos contraditórios acerca de nós. Se estamos no seu berço, ela logo quer que nos vamos, dando-nos um pontapé no sabo: „Faz-te homem!“ E a sociedade não vê bem o que o sujeito vê, não há volta a dar. De modo que estamos mais ou menos num limbo, onde o tempo passar e nós apercebemo-nos do seu passar, do seu vagar, umas vezes alegremente, outras dolorosamente. Mas sempre pensamos na nossa mãe em termos da nossa conduta, ora rejeitando a sua presença na nossa mente, ora aceitando-a e assim no tornamos de certo modo *mais bons*. Uma das minhas táticas de escrita era, a partir de certo ponto, deixar de pensar tanto e escrever, nos justos termos, aquilo que estava a sentir, as imagens, os pensamentos do momento. Outros de chegavam do meu espírito à medida que descrevia o meu estado de espírito, de alma, relacionados ou não com a minha ação. Por exemplo, andei uma semana para ir ao Saldanha e descer a Avenida da Liberdade, como um louco livre, destravado, com os meus headfones . Mas não fui acapa e acabei indo a outros lugares. E nesse dia de quase verão, acabei por não ir- Mas também estava inquieto em casa. Iria de certo a outro lugar, depois de ter ligado à minha mãe e de ela me ter dito mais uma vez: „Faz-te um homem, deixa a escrita, arranja um trabalho!“... Podia bem dizer-se: ir ou não ir eis a questão (sair ou não de casa). Mais um dia em casa!.... Ninguém com quem falar, e embora tinha um encontro marcado no Jardim da Paiva Couceiro, não me apetecia ir. Ela era cozinheira e eu imaginava-a bem gorda e feia...

# 6.

Cavei um pouco mais na saturação da minha vida, mesmo em relação à escrita. Havia escrito uns poemas a que dera o título de *Douta Ignorância*, mas ou menos só, tentando agarrar o sentimento ao longo de cerca de um mês. E proponho-me agora contar dos meus amores, depois de este livro ter estado bloqueado, inquinado, durante vários meses. Não é fácil para falar das (minhas mulheres), tenho a impressão do que no meio da tormente de um romance, de uma relação, não temos tempo para escrever, descrever, tudo vai depressa demais... Mas falar dos passados, em tom confessional, é bastante, pelo menos para mim, mais difícil. Bastantes são as mulheres na minha vida, consentidas ou distraídas, mas menos são aquelas que efetivamente me marcaram e, enfim, nunca tive grande espírito crítico para com elas. E ainda não tenho, mas começo a desenvolver. Em Lisboa, como em Riachos e arredores, há muito quem tenha muita manahã e que não queira saber do transcendente, no fim e ao cabo, e viva o presente, como eu não procuro viver. O momento, diz-se.

# 7.

Mas...tenho de começar por algum lado. Seja com amor ou desamor. Sim, porque putas foram muitas, nos arredores de Riachos como em Lisboa. E porque hei-de dar uma explicação acerca disso? Não fui sendo um solteiro, primeiro, um solteirão, depois, ao longo da minha existência. O mal, como nas drogas, é começar e, a certo ponto, se eu nunca aderira às drogas, as mulheres dos vícios tornaram-se um vício, um cilício na mente que não me deixava descansar. Mesmo assim, nunca ninguém me condenou. As pessoas conhecem-me, sabem o que sou e não sou capaz de fazer por uma mulher. Os cheiros, bons ou maus, alastravam pelo café de Ferdinando até às escadas do apartamento onde vivia naquele tempo, mais ou menos morais, mais ou menos condenatórios de uma conduta mais ou menos errante. No início levei muito tempo, tive interregnos em que pensaria ficar louco e mesmo assim fui internado diversas vezes, com o meu consentimento, por isso não posso assacar culpas a que me mandou para junto dos malucos.

# 8.

Às tantas, estava num país que era pequeno demais para mim, tal como *The Legendary Tigerman*. Ele, na música, eu na literatura, com uns salpicos de ciências sociais e filosofia. Porque muitos tinham a sua quintinha, com as suas escravas sexuais mais ou menos situacionistas, e percebiam que eu, de uma maneira ou de outra, lhes podia roubar tudo isso. E nada de mais topicista e humano do que a quinta do sujeito humano. Rejeita tudo, menos o seu bem-estar, em nome de mil e

uma coisas. Depois, eu era um antropólogo tudo menos em Marte, para além do sentimento geral de troça em relação a mim, dentro da cidade, um sentimento de indiferença em Moscat. De desprezo até. E não me estou a armar em vítima, de facto estava só e percebia todas estas coisas, fumava para me aguentar e corria risco de ter um segundo ataque cardíaco. Perante este clima de indiferença e mal-estar, eu era, ainda por cima, simpático para com as pessoas e procurava relativizar. E pouco ou nada tinha a ganhar com toda esta situação. A lógica das coisas e a desgarrada doidice desses tempo em pessoas demasiado atreitas ao momento, que não tinham capacidade alguma de reflexão.

O ISCTE era eu, em certo sentido. E deixei de o ser. Onde vão as mulheres? Não prometera a mim mesmo falar delas, independentemente da qualidade do leitor? Uns lêem filosofia, porque se sentem confortáveis com isso, outros literatura, outro aguenta-me nas estruturas mentais sociais através do convénio das normas sociais prescritas ou não pelas ciências sociais. Eu vou em queda livre e não se prevê grande resultado, continuo injustiçado por diversas instituições e empresas. Em Lisboa. Demasiado só e com demasiada razão.

Se for bem a ver, tenho passado o cabo dos trabalho e ainda continuo com fé. Outros farta-se de gozar e perdem a féem pouco tempo. Destilava o tempo, procurava personagens para um romance que nunca acabava, esse amor pelas mulheres que querem compromisso, que nos querem agarrar, no estertor da sociedade pós-capitalista, pós-marxista de direitos e deveres.

E eu estava em casa, pensando diversamente ir até à Baixa, tal como o filósofo no seu qasseio, sem grandes pretensões, a não ser entrever um par de seios, uns lábios carnudos, como era apanágio das portuguesas...Evitando ser um Monte Cristo...

# 10.

Por fim, queixei-me à associação americana de antropologia. Os de cá estava a dormir há muito tempo, e ainda mais os da filosofia. Represálias? Sobre quê? A propósito do quê? Estava farto de lutar sozinho, de perceber e escrever sózinho. Mas...de resto, ninguém me iria responder, pois não se interessariam pela minha causa. Até um dia... Enfim, optei, no meio da minha revolta, por me queixar aos americanos, a ver o que diziam os portugueses...que nada me diziam...

Enfim, foi meia-bomba. Ninguém ficou ferido e eu podia continuar ignoto da associação portuguesa de filosofia e antropologia. Haja um pouco de respeito.

# 11.

E são 18 horas de um sábado qualquer. Sinto-me um sábado qualquer, ainda que com tanto capital. O tempo passou. É Domingo. Arrumo a casa, pensando nas mulheres que passaram pela minha vida, para aqui dar relato. Procuro deixar de fumar e hesito entre o Sumol de laranja e o whisky, é certo que não vou à Baixa. Elas, as do presente, não me ligam. Afinal, sou humano. Demasiado humano.

Não tenho hábito de perseguir mulheres ou pôr-me de joelhos perante elas, por isso não sei o que vou dizer acerca daquelas que passaram da minha vida. Mas

não desisto de procurar o amor e às tantas é isso que me está levando à velhice. O que é certo é que continuo a disparar tiros na minha actividade de autor, de escritor, e tenho estado a maior parte do tempo só e desamparado. Não parece haver grande interesse pelo que escrevo, mas também não vou chamar muito mais a atenção, pois já me expus bastante, coisa que muitos não fazem. Ainda assim, tenho alguns interesses académicos a defender...

Sim, talvez estivesse escrevendo forçado, não por prazer. Mas, o que é o prazer quando se está só?

12.

Seguia, assim, os passos do meu tido Boldt...

O mundo está assim, cheio de pessoas que só exigem e que não dão nada. Os académicos de Lisboa estão na primeira fila desse. O que eu dei à academia...o meu esforço...e que recebi em troca? Dívidas de propinas sobre aulas que não frequentei?

É fácil elogiar Lisboa quando se está de papo cheio. Mas quando se passa mal, é mais difícil fazê-lo. E, de que me serve o prestígio social, a representação, se não tenho o que é básico.

No meio de tudo isto, é a antropologia que fica mal, a filosofia também, não eu, que tenho sido injénuo todo este tempo.

# 13.

Vou sempre passando um dia, bebendo cada vez menos, à espera que algo aconteça, fazendo no entanto tudo para que algo aconteça. A minha revolta contra a faculdade de letras aumentava, parecia que se haviam juntado todos contra mim para impedir que discutisse a tese por lá. Mas, fosse como fosse, não tinha dinheiro pra o fazer, pelo que me deixava andar, sem afirmar a minha masculinidade mais ou menos heterodoxa, pensando muitos que me tornara gay para passar a fase da aprovação do texto... E mais um Domingo em casa, em nome não sei do quê.... Uma coisa era certa: quando o meu pai se fossem, não iria conviver com os falsos amigos da terra, iria talvez pegar num carro e visitar o país esquecido. Por mim. Sózinho.

# 14.

De modo que tomei uma resolução: não mais filosofia ou antropologia sem o devido suporte afetivo. Não era suicida, procurava sempre uma janela aberta através da angústia. Era fácil ir para um hospital, dar-me como perdido para a sociedade. Mas, o que era a sociedade afinal senão aquilo que vivia todos os dias? Os habitantes de Moscat não me falava, que haveria de fazer eu? Obrigá-los a falar? Queixar-me ao Presidente da Junta? Já lá ia o tempo dessas pretensões. Assim como instituía o caminho entre Riachos e Lisboa de comboio como a minha

plataforma de vida, assim se iria manter e, finalmente, estava apto a amar um moça que quisesse embarçar comigo, embora tudo isso me soasse a teatro. Depois, por motivos de saúde, pensei em ir até Léria ou Pombais, mas não tinha grande vontade, além do mais nem carro tinha para tal, teria de ir de comboio ou autocarro. E o meu pai insistia em não me ajudar, pior, só me dificultava a vida, como o fez Príamo a Manu, com quem aliás estava magoado e que não dava sinais de querer falar comigo,

# 15.

Ainda não discutida, a minha tese era difundida pelo globo e eu conhecia um certo êxito e reconhecimento. Sem saber que estava mergulhado na sociedade portuguesa, queria mais e pensava em como lhe havia passado ao largo e ela não havia notado em mim. Mais para mais, embora vivesse dentro de uma amarga solidão, eu sabia que estava certo, que era um investigador independente com algum êxito e respeitabilidade, independentemente de uma vida amorosa periclitante, inexistente. Mas isso não impedia a propagação da minha verve. Tentava esquecer o conflito das faculdades, ou seja, a mágoa por não quererem saber de mim nos locais onde se postaram como aluno. Dei muito, recebera pouco ou nada, eles não queriam saber. Eles? Quem eram eles? Não sabia, nem sequer sabia ao certo. Eram aqueles que havia esquecido. E seria eu um Conde Monte-Cristo? Estava tudo na minha cabeça, a minha felicidade, o meu bem-estar. As coisas ainda dependiam de mim. E ainda não deixara de pensar nas mulheres da minha vida...Era entretém para ter antes de dormir...

Enquanto isso, eu percebia que a maior parte das pessoas estava agarrada umas à outras, porque não suportavam a solidão, porque não se questionavam. Viviam uma vida em cima do joelho. Enquanto isso, eu, solto, esperava pela negra dislèxica com quem me iria deitar naquela tarde...Foi isso, pelo menos, que percebi pelo telefone. Um tipo dera-me o seu número em troca de um que eu lhe dei de alguém da zona dele, depois de publicar anúncio na revista feminina. Nenhuma destas mulheres tinha muita instrução, era tudo meia-bola e força. E eu cingia-me ao que

havia disponível não sendo muito exigente, até uma velha com mais se sessenta anos eu tinha no prato... Havia três meses que não estava com ninguém e Lisboa estava saturando, estava a maior parte do tempo em casa e isso, sem ter com quem falar, causa-me enorme angústia. Não dormia bem e embora tivesse abrandado na bebida, as alucinações e pensamentos intrusivos continuavam a bater à porta da mente..

# 16.

Andava ansioso. Seria ela negra? Perdera um pouco a minhas preferências pelas negras, porque eram mais meiguinhas, mais quietinhas e mais carinhosas. Mas ainda estava disponível para elas, excitavam-me bastante, sobretudo pela forma como beijavam e tudo o mais. Enfim, estava aprendendo a separar o cientista social que ainda era do actor social que seria para sempre. Uma das razões porque abandonara o ISCTE havia sido essa relação, muito próxima, quase colada, que havia entre uma e outra posições, papéis.

Deixei de ligar à minha mãe, ela própria me havia dito, „não liguês que isto não está bom, o teu pai não anda grande coisa“. E eu não ligava, ela disse que ligaria, pra mais via sempre a luzinha a piscar e pensaria que eu estava em linha. Gostava de falar com ela, sobretudo à distância. As coisas ficavam mais fáceis e santo homem que inventou o telefone para, à distância, aproximar as pessoas. Bell, não fora? Era esse o mesmo efeito da internet, embora mais potenciado...

# 17.

Mas era chato, estar só. Extremamente chato. Eu tinha a discussão da tese em banho-maria, talvez nunca a viesse a submeter, pois teria de pagar propinas e emolumentos. Evitava pensar num internamento e andava a pouco e pouco, devagarinho, tentando-me aguentar, como lírio ou girassol ao vento. Curioso...ainda pensava em Dany, mesmo que há mais de seis meses ela não me dizia nada. Pensava nele e isso seria sem dúvida indício em como ainda o considerava um amigo. Já o contrário podia não ser verdade...

Os pretos, ainda que sofrendo mais do que os outros, os brancos, acabam por ser mais meiguinhos. O branco tem o capital e anda histérico com isso. O preto tem pouca coisa e sente-se feliz. O branco, quanto mais tem, mais quer.

Enquanto aguardava pela minha musa negra, pensava no pessoal de Moscat que não me tinha por amigo. Eu, de alguma maneira, estava acima e abaixo desta população, que não dizia os bons dias. De modo que, entre outras coisas, deixava de andar e reservava o afeto para outras pessoas que não as deste bairro, que só me criavam dificuldades, ostracizando-me.

18.

„Bom Dia, sr, Vítor!“, ou devo dizer „Bom Dia Doutor Vítor!“. Nem uma nem outra, por isso vá-se entender esta gente, para uns eram bairristas, para outros cosmopolitas. Eu não percebia nem queria perceber este tipo lisboeta. Talvez, porque lá no fundo, fosse apenas mais um parisiense por aqui perdido e só.

Eu dissera-lhe „Estão a impedir de foder“ e ela pouco ligara, fora-me logo embora para a sua quinta da filosofia, tal como a outra anterior, Maria João. Pois era isso que estava por aqui, em Moscat, a acontecer. Quando nem uma te aparece à frente, embora sejas bonito, há uma certa explicação para isso: estão a impedir-te de foder, ou seja, de fazer parte deles. Ou seja, ao mesmo tempo cosmopolita e rústico, como são os tipos de Lisboa, rústicos, que gostam do fadinho e se julgam alguma coisa, essa mentalidade conheço-a eu bem e não quero que tenham pena de mim.

Estava um pouco bêbado e interrogava-me como havia chegado a essa situação...

# 19.

Todo este jogo tem que ver com a seguinte situação: a escolha entre termos livres das convenções e estarmos dependentes das opiniões dos outros, para o que quer que façamos, precisar da opinião dos outros. Esta é a base do jogo social.

E, ao mesmo tempo, havia pessoas que gostavam de mim, o senhor de cima, o Cajó, vivendo com os pais e até, no prédio, o Quim Berto, embora tivesse alguns complexos de superioridade. EU estava calado há bastante tempo, vivendo num submundo, mulheres nem pensar, por isso aproveitava as do momento, as das revistas femininas, que se dúvida eram mais quente e imaginosas do que as académicas...

Mas, deixava de pensar em ter uma do bairro, isso não iria acontecer. Estávamos em Lisboa. E tinham passado quatro anos, a população ia e vinha e, se continuasse a ficar no bairro, talvez acontecesse alguma coisa, pois, de certa maneira, eu era um representante dele em relação a certas esferas, online e no real, que não diziam respeito apenas ao território geograficamente determinado de Moscat...

# 20.

Vives a vida fatalista e negativa, o teu humor diário é influenciado pelos factos e vives isso tudo por sim, não para contar aos outros. A preta enganou-me. Não quis entrar, não sei porquê, foi embora num carro com uma tipa. Se isto não é prémio Nobel, não sei o que será. Pelos vistos, não gostou de mim, embora eu a achasse apetecível. Ainda tentei ligar-lhe quando cheguei a casa, mas o telefone estava

desligado. E aqui estou, com uma cachola do tamanho de Marte. Depois de ter ido embora, ainda teve o desplante de me ligar. „Olha, aqui vou eu embora!“. Pensar o quê? Fazer o quê? Aguentar até ao dia seguinte, em que tomaria de novo o comboio para cas. Pelo menos por lá não teria de dar asas a imbróglíos como este. A minha resistência estava acabando. Não toleraria tanto desplante por muito mais tempo. E não digo que não podia fazer nada. Podia fazer muita coisa, no dia-a-dia, fazer de minha justiça...

# 21.

Estava em casa, ansioso, carente e mesmo o dono do café que eu adotara para refúgio, o Mané, não era nada simpático comigo. Lá aparecera a Júlia Flotista, que eu tinha em vista há já algum tempo, mas que não era nada recíproca nos bons dias, nas boas tardes, como aliás a maior parte das pessoas em Moscat. Andava de um lado para o outro, procurando não beber, mais do que em outros dias, tivera a tentação de beber whisky, mas resistira e agora bebia água, ainda pensava nela, tinha apenas dinheiro para tabaco, talvez comprasse algum avulso e mais uma garrafinha de cerveja, a boa-vontade e a motivação ainda estava dentro de mim e eu sentia as suas guinadas, por estímulos vindos de uma Rádio Renasçensa.

# 22.

O fantasma de um novo internamento, depois de já sete, pairava sobre a minha mente e quanto mais me esforçava por conseguir a atenção das miúdas, pior era. De modo que andava de um lado para o outro, no apartamento, como no quintal de Alcamen, vendo e vislumbrando o que fazer. Ou simplesmente deixando de me preocupar...E não resistira: denunciara esta situação à Associação Americana de Antropologia. Não sei bem como caíra esse desabafo, esse pedido de ajuda, já que os daqui não queriam saber do meu paradeiro intelectual...

Daí a atractividade da cidade. O casal gosta de estar isolado, mas não por muito tempo, pois gosta da ditribe social, coisa que não há, densamente, na aldeia e, senão estiver no princípio da reforma, o casal prefere o jogo dos corpos da

cidade, a diatribe, o desengano e o entupimento de sentido que leva ao coito com uma estranha. Logo, o coito da cidade é estranho, alienígena, dois corpos que se chocam e interpenetram, ao invés da aldeia, onde os corpos são familiares porque se roga um destino comum na linha do tempo...

## 23.

Estavav só. Ligara â minha mãe. Aparentemente estava tudo bem, os meus velhotes morreriam de velhice e eu também envelhecia, na loucura do interior do

meu apartamento, à espera não sei do quê, de um telefonema, de uma oportunidade laboral, ainda, de uma chance por parte de uma editora. Por isso ia já no 93 livros e só o whisky me faria escrever mais livros científicos ou remodelar a tese, que conseguira 400 downloads num site internacional académico de filosofia.

Parecia Antenor Gonçalves, ter medo, medo de se entregar á cidade, aos outros, ao grande Outro e queria manter a família por perto, desse por onde desse. Sim, o sentimento de solidão era enorme e embora estivesse activo, era visto como um pária, ou não, era visto como alguém inacessível, que não desceria facilmente ao reino do senso-comum, embora precisasse dele para se sentir vivo, como que agarrado à terra...

# 24.

Quando se debruças sobre o alto da índole do colectivo, vai com calma, sê cauteloso, pois podes entrar entrando na maior privacidade das pessoas, que é a do pensamento. Não te interessam grandes bem, apenas queres desenvolver a tua investigação, que é útil a muitos, para não dizer a todos, a par da psicologia e da psiquiatria. Mas vai com calma e aproveita a segurança que a teoria social te dão...

Mais um dia. Julgava que o meu estado melhorasse, mas não, vejo gente apenas na rua mas não falo efetivamente com ninguém. Anseio por regressar a Vermont mas a minha mãe diz-me para ficar, pois o meu pai não gosta de me ver por lá parado, fumando, andando no jardim. Querem por força que arranje um trabalho quando eu olho para os internamentos que já tive e para as coisas que conquistei. Isso, para eles e para os amigos do meu pai, não quer dizer nada. Bastava a licenciatura para me dar algum conforto. Mas não, exigem tudo de mim que fico triste, pressionado, depressivo, quando não tenho amigos em Lisboa nem ninguém com quem falar, os amores ficam adiado e tenho de me contentar com a memória mais ou menos erótica dos passados.

# 25.

Poderão perguntar „O que é que se passa com ele?“. Ninguém fala com ele ou se interessa por ele, talvez tenha o síndrome do escritores que é a solidão e a incomunicabilidade. Sim, é um escritor. Mas talvez tivesse deixado de o ser, assim como antropólogo e filósofo. Talvez tivesse lutado muito tempo sózinho e agora estivesse farto, talvez tenha perdido o interesse pela vida, pelas pessoas, porque elas deixaram de se interessar por ele. Passa o dia em casa, à espera que falem com ele, não consegue arranjar um trabalho. Dá ideia que o trataram como um cão e depois o abandonaram à sua sorte, nas ruass e vielas de Lisboa. Pois, Antenor estava nesta condição...

# 26.

Sim, Antenor estava entre o emprego e o internamento. Nem um nem outro, de resto, podiam durar muita coisa e não ia acontecer nem uma nem outra coisa. Pelo menos se dependesse da sua vontade. Era fim de tarde e alguma frustração se abatia sobre ele, não por não tentar, mas por não conseguir. Talvez não dependesse dele, afinal, ela fazia o que podia, dava tudo, inclusivé descia de nível para poder

chegar a certas mulheres, a certos objetivos. E continuava desguarnecido, aberto, recetivo, não desistira. Nem do doutoramento. Mas não, no dia seguinte iria tomar um bom banho, fazer a barba e pôr a gargantilha. Porque amanhã era outro dia.

# 27.

A Tv desliga-se e deixa se ter a sua presença, só se entende acesa. Mesmo no dia seguinte, dá qualquer coisa de novo, que nada diz respeito a um sequência face ao dia anterior. O livro não, não mente, está sempre a teu lado. O disco CD tam,bém, mas não já a internet, onde tudo é mais volátil e supérfluo. António Zambujo e Cuca Roseta encontram a espiritualidade depois de ficarem famosos. Eu escolho antes de mais em adolescente e, creio, sou um tipo cada vez mais erótico-espiritual. Estou ao ponto de saber se vale a pena a minha experiência da escrita. Decidi adiar cada vez mais o internamento no hospital psiquiátrico. O meu problema de sedução é que estou ao mesmo tempo na cidade certa e na cidade errada, ou seja, sou do Norte mentalmente e estou numa cidade do Sul. Mas já me adaptei. Regressava a Riachos com vontade de descansar alguma coisa da solidão de Lisboa e com o determinio de procurar trabalho e ter uma consulta de psiquiatria. Adia a decisão de me internar, ainda queria aquilatar dessa necessidade...Deito-me e resta-me esperar encontrar um grande amor. Um dia destes. Depois, encontrei na expressão "preto-branco", "branco-preto", uma fórmula de explicação do racismo. E fiquei pensando nisso. Quem é terra (terra-a-terra), volta sempre à terra e nunca se apercebe do que se passa por cima da cabeça. A maior parte das pessoas não sabe o que é o texto, muito mais escrever, andarão todo o tempo a satisfazer necessidades imediatas, a tentar sobreviver, e não se apercebem do valor que se pode retirar de uma existência em termos de cultura. Aliás, quem nunca estudou dificilmente sabe dar valor a quem estudou. Mas, como em muita coisa na vida, nem sempre vale a pena forçar. Por vezes vale mais a pena deixar acontecer. E não será que a vida é uma sucessão de estados de espírito, a procura do conforto da alma, em vez de uma

felicidade constante que passa a ser doentia, doença, logo então? Porque o homem procura fazer ajustamentos para que possa sentir-se no conforto do bem-estar e na qualidade, sendo que a faísca que é a felicidade, leva-o a ter atrito e esperteza quando se esgueira a infelicidade e desrazão?

E para quê culpar as pessoas? Elas não se aproximam de mim devido a problemas semelhantes ao meu, ou seja, esses problemas impedem as relações quanto as propulsionam, ou seja o padrão das relações mais ou menos sociais está evoluindo, em Riachos como em Lisboa. Além do mais, o antropólogo é que tem de avançar, não as gentes, de modo a recolher dados para a sua teoria, seja num local amplo seja num circunscrito. Sem relações entre as pessoas, melhor, sem as pessoas, ele não sobrevive, tanto quanto não sobrevive a sua teoria.

A pouco e pouco, vou, com essa propecta idade de 51 anos, contruindo o meu universo poético que corresponde a um território real, circunscrito. E gosto particularmente de apanhar certos monos que pensam que fazem tudo bem. Danny é um deles. Mas há mais. Objectados pelo parecer e pela correcção do intelecto, eles estão lá, nos seus lugares, exatamente como o pêndulo de um relógio. A pressão do sexo estava no ar. A pressão de trabalhar também. Bem como a pressão para ir para um hospital psiquiátrico, também. Eu resistia e procurava beber menos, pois o álcool aumentava as obsessões, embora fosse aguentando e não cedia a elas por meio das compulsões. Era, nesses tempos, ainda que na volta de duas casas, um verdadeiro mestre do pensamento, um guru, um yogui à minha maneira, um místico de uma certa além-religião e além-filosofia.

Depois, percebi, a minha situação era mesmoa essa: tinha motivos e defesas para não ser internado e para não trabalhar por conta de outrem. Eis a minha piéce de résistance, a filosofia aliada à antropologia, não sem muito sofrimento, mas creio decerto que haveria de vencer, que fosse nas mais diversas áreas em geral, quer fosse no trabalho em particular por minha conta, fosse na instalação de residências

artísticas, quer fosse na implantação da universidade, um estabelecimento de ensino. Só precisava de fazer um projeto e alimentar os dias através disso. Claro que precisava, mais do que nunca, de um ombro amigo e íntimo. Mas disfarçava, com tabaco e um e outro copo de vinho, não que não tivesse maus pensamentos, muitos muito maus pensamentos. Mas mantinha-me de pé, tal qual um Colosso de Rodes, um Aquiles...

## 28.

Chamamos louco àquilo que sai fora da norma? Mas o que é a norma? O que é anormal? Os especialistas não se entendem porque não falam uns com os outros e os psiquiatras apanham os cacos. Os antropólogos toleram, os sociólogos desviam o olhar, os filósofos admitem como normal o anormal. Só em interdisciplinaridade podemos tomar como certo o que parece errado. Pois precisa do crivo do tempo, do tempero dos dias. Para crescermos, temos de passar por certas zonas mentais de deserto e emaranhado, de viscoso. Só isso faz de nós normais, normalmente aceites.

Antenor podia estar por vezes bem disposto, num tom seráfico inigualável, mas logo se decepcionava com a realidade, com o fato de os outros não contarem com ele, como o seu pai, que o via a sofrer e não ajudava em nada, acompanhado da sua mãe. Por vezes o mundo parecia um lugar tão desonesto quanto uma selva. Mas, depois, pensava assim, o país era isso mesmo, muita festa, muitos altos e baixos, do oito ao oitenta e para estava nas letras era um jogo masoquista de paciência. Por tudo e mais alguma coisa, a filosofia ajudava-o a contornar e vencer o

seu OCD, era pressões de todo o lado e ninguém lhe dava uma palavra de apoio ou reconhecimento. Apetecia-lhe fugir daquela terra, até de Lisboa, mas estava vencendo e sair podia parecer abandonar o barco. Mesmo sem mulher à vista. Ainda assim, eu tinha, entre um trabalho cada vez mais longe e a probabilidade de ser internado, a capacidade para dar a volta sózinho, pôr-me bem-disposto sem falar com ninguém. Eu, o homem dos cem livros, das duas teses, dos artigos científicos e outras obras de grande importância.

Intuitivamente, percebia que muitas pessoas estavam fazendo merda comigo, não que eu não tivesse sido um pouco culpado nisso. O meu pai não me dava conta de nada e pouco o fazia aos meus irmãos e ao meu cunhado. Isso só me dava ensejo de não respeitar vontade alguma para quando se fosse embora, não fora eu antes dele, talvez era isso que ainda o animava viver, jogas com os sentimentos dos outros, pois recusava-se a abrir mão de alguma coisa, mesmo sabendo que eu estava passando mal. O mesmo aconteceu com Manu e seu pai. Mas Manu já não me falava...

29.

Havia posto um anúncio numa revista feminina. Recebeu diversos telefonemas, alguns pensando que era gay ou bi. Mas nunca se esquecera da polaca que lhe dissera que tinha "bastante pau" e isso o ajudava a manter-se fora da linha ténue entre hetero e homossexualidade. O resto seria pensamentos dos fundilhos. Que a filosofia apaniguava particularmente. Entretanto, o sobrinho de Antenor, Marco, conseguira um emprego num hotel de Cascais e viera passar uns dias a Riachos antes de se preparar para esse emprego. Antenor buscava alguma visibilidade social para os seus escritos. E fazia por isso, um pouco todos os dias, como a escrita, de resto. Um pouco todos os dias. Enquanto essa visibilidade não surgia, tentava em ser feliz, contando que ela nunca aparecesse. O reflexo das coisas não anula a visibilidade da própria coisa. É apenas o resultado da sua existência. Mas podia bem ser que a visibilidade, o reflexo das coisas, viesse a anular as próprias coisas. Quem já viu um porco a andar de bicicleta podia acreditar que si. Que tanto o reflexo quando a coisa poderiam desaparecer e dar ou não lugar a outras coisas e outros reflexos, que nada teriam que ver com elas...

Antenor tinha passado todos os limites, entre Riachos e Lisboa, mas continuava a fazer o mesmo percurso, de comboio, que fazia há mais de trinta anos, desde 89...

A quem o quisesse encontrar, não seria difícil fazê-lo...Frequentemente lembrava-se de Domingas, de vê-lo em estado de como, sumido, sem poder falar nem ouvir, de vê a sua foto no cemitério. Isso até atenuava a raiva que tinha a Dany...

Sim, talvez Anabela tivesse razão: deveria escrever com prazer em vez de forçar, resultado de efabulações mítico-poético-teóricas que vinham da antropologia e da filosofia. Nessa noite de quase verão, depois das cerimónias de

Fátima, ao sentir o corpo cansado em direção ao leito, apeteceu-me desistir, não de tudo, mas de certas coisas..

Desde que Sócrates havia soltado a bicharada e lhe entregado o poder, o país entrou em desvario. Mas tudo bem, mas porém íamos do oito ao oitenta. Nunca como agora se filosofava tanto ou houve tanta liberdade. Mas a criminalidade aumenta e as fortunas fáceis e ilegais, festas de toda a ordem, drogas, pedofilia, mortes de todo o género. Muitos são de direita e até do Chega e, para não parecerem mal, democraticamente, fixam-se no PS ou na esquerda, aumentando as visões parciais da realidade. É perigoso quando não as temos. A sociedade é como um vucão, se o abafamos é pior, temos a certo ponto deixar que liberte suas energias negativas, cuidar sempre dele, dela, em democracia e controlar-lhe as forças se queremos que trabalhem e se expandam a nosso favor.

Em confronto estão dois estilos de vida, um reflexivo, pouco atreito aos bens materiais, do fruir mental, outro virado para os instintos e fruição mental. Mas, de um lado e de outro, há vasos comunicantes e tanto se pode ter prestígio com a mentalidade como com o materialismo. Começo cada vez mais a acreditar que a vida não tem nada de especial, nenhum sentido especial a ser extraído dela própria, que ela é busca do conforto e da fruição, como se desenhámos um destino que já nos está traçado à partida e em direcção ao qual apenas caminhamos...

Bem podia parecer que eu estava minando a família de Antenor, mas não, isto era apenas literatura e acontecimento. Sem carro, sem namorada, sem emprego, a vida de Antenor era ainda assim interessante e interessada, mas não pelos padrões normais. Com altos e baixos, ele lá ia, no espaço que havia entre a psiquiatria e o trabalho. E sentia-se só, apenas tendo como confidente o espaço em branco, como folha de papel numa máquina de escrever. Sim, a felicidade depende não somente

da formação, ou seja, do Outro, mas também da nossa percepção. Enquanto a ciência cognitiva põe o peso no sujeito, muitas vezes ele não tem culpa de ser infeliz, apenas não está no ambiente, no ecossistema certo, daí a importância do social e do cultural e a menor importância da psiquiatria e psicologia, que não põe assento nas relações mas no sujeito, como a filosofia, o filósofo tem de ser sujeito-pensante e não refletir o meio. Por isso não é feliz.

À partida, és feliz se não fizeres juízos de valor e relativizares, mas embates com o mito americano da felicidade que tem que ver com o ir ao encontro das coisas deste mundo...afinal todas as sociedades procuram o bem-estar e o êxito pessoal os sujeitos. Mas, mais uma vez, tudo é relativo, porque a uns fazem-no feliz os bens materiais e a outros os espirituais. Como poderemos mediar que é mais feliz? E será feliz quem está no convento (e que ainda assim tem o Outro na tela da vida quotidiana) ou quem está nas ruas de uma grande cidade? É tudo relativo, logo, relacional... Depois a figura do antropólogo de quem quase todos gozam, o filósofo de quem troçam. É bem-feita que ele se vá fechando ao mundo social que não tem conserto e que não reconhece beleza alguma no mundo, até no seu. A minha avó dizia e como razão: "quanto mais a gente se baixa mais o cú se lhe vê". Mesmo assim, eu procurava ser um tipo contumaz face à realidade. Era isto que acontecia.

E, por mais que pese, tenho a sensação de que posso sempre voltar a Riachos. Não fiz nada de assim tão grave quanto isso. Antes pelo contrário. Gostaria de não dizer isto, mas o mundo -tal como está a acontecer- é não dos advogados, arquitetos, engenheiros ou mesmo dos poetas e escritores, mas dos antropólogos. Mais do que os psiquiatras e psicólogos, são eles quem melhor compreende a lógica da sociedade, dos homens em relação entre si, solucionando os problemas verdadeiramente humanos...

Dir-se-ia que não tinha Antenor inimigos. Mas tinha. E grande parte deles não se apercebeu como ele havia dado a volta e voltara a ter gosto em viver. Cada dia era uma batalha que começava no acordar, no levantar, no vestir. E aí viriam os altos e baixos do dia, próprios ou não da sua personalidade, próprios ou não do chilrear dos pássaros, presente tanto em Riachos quanto em Lisboa...

O meu coração só olhava para Antenor e via um ser humano com enormes capacidades e qualidades retido numa aldeia, talvez retido numa cidade, que não lhe dava o valor, por mais atenção que aquele lhe tivesse dado. Um ser que fora tão longe e tão fundo, como se tivesse perfurado o próprio firmamento ou escavado uma grande mina e onde ninguém lá chegava para o poder reconhecer. E fora a favor e expensas daqueles que davam apoio e guarida. E, parado nesse solidão, não voltava passo atrás nem adiantava desalmado; deixava-se a estar a pairar, a escarafunchar, como se fosse esse o seu último destino e razão de viver.

Finalmente, havia descoberto a fórmula daquilo que atravessava de alto a baixo as minhas pesquisas: o conhecimento do senso-comum não se opõe ao racionalismo (ciência, filosofia) porque o que os liga não é somente a arte, como as sensações e a emoção, o sentimento.

É claro que não é fácil ser-se artista em Portugal, ou escritor. O público praticamente não existe, ninguém aposta em novos autores sem que estes paguem a edição de suas obras. E quem é editado e vende nem sempre é melhor. Existe uma multidão sábia que pouco publica e que tem imenso valor. Eu julgo estar entre eles. Em quantidade e qualidade. É preciso falar com meio reino antes de conseguir vender dois mil, três mil exemplares. Porém, a concorrência não é maliciosa como em outros país, embora muitos autores julgam ser querubins ardilosos para quem a escrita é uma forma de afirmação pessoal, não tolerando opositores. Julgo que tenho este defeito.

Precisava urgentemente de fumar menos, fazer desporto, alimentar-me bem, para estar mais saudável. O esforço dos últimos anos debilitara a minha saúde psíquica e eu continuava a resistir e ainda que me custasse bastante recompôr-me assim que me levantava, lá ia, aos solavancos, percorrendo o dia. A minha demanda continuava, demanda pelo amor, por uma confidente, sem sair do lugar, sem ir morar para longe...

O meu maior poder não estava longe, força algures perdida nos extremos da terra no meio de uma qualquer tribo. Estava ali, nos espaços que percorria, dentro de mim, uma força maior do que as forças sociais que por vezes me abatiam, sob a forma de pessoas, animais ou crinaças. Sim, crianças, essas eram as histórias que os adultos lhe contavam...

Não acreditava, por vezes, na dor que sentia ao acordar, no cansaço da vida, mas recuperava e seguia vivendo o dia, apreciando o dia.

# 30.

Verifiquei a minha herança cultural, de ordem religiosa, atentei à minha formação universitária, académica e fui libertando de mim em mim todos esses autores que tinha lido. Em vez de ir à toa sair de casa, só por sair, fui ao supermercado comprar o almoço e deixei-me estar, inundado de pdf's... É claro que senti felicidade, preciso de pouco para me sentir feliz, nesse aspeto não sou nada

complicado. Estava em casa, sem grande vontade para sair, ainda que isso me fizesse bem. Resistia por comprar álcool, uma garrafa de whisky que me daria mais inspiração para estas letras, mas resistia, procurando tirar alguma coisa do dia, sabendo que estava só, em Lisboa, como em Riachos. Como antropólogo, deveria „fugir“ para outro lugar, mas não tinha meios, nem existia comunicação com a comunidade antropológica ou filosófica. Tristeza e desalento que eu procurava contrariar.

# 31.

Antes de falar a sério nos meus amores, de como vieram e foram, devo dizer que conseguir o rebate da teoria que me acalentava há vários anos, ou seja, a relação entre o reino do senso-comum, o conhecimento técnico contumaz e o pensamento racionalista, a razão. Existe, sim, uma relação e ela é feita pelas sensações, a emotividade, os sentimentos. Consegui então, chegar a um corolário depois de mais de trinta anos de investigações nessa área. Depois, venci também a minha doença e o segredo era não fugir ao mundo, aceitar, mesmo o que há nele de imundo, estar atento e raramente dele se desligar, pois é dele que recebemos grande parte das sensações, não do inatismo da nossa mente, que só complica.

Depois, visto do pátio, um sutiã no varão, cor de pele. A mãe andava de um lado para o outro, no seu espaço, entretida com as plantas, enquanto chamei o gato para se agachar perto de mim, o Simba.

Então, abateu-se sobre mim uma dúvida: criar ou divulgar a obra? A mais de um índice, estava de novo só e teria de lidar com isso, puxar o céu e a terra que pesavam para mim para cima, para que não se abatesse sobre os meus. Hercúlea tarefa...

# 32.

Estava perto das cem obras e nem sinal de uma grande editora, no estrangeiro ou por cá. A minha vida sem álcool começara e logo nos primeiros tempos, comecei a mudar, a vislumbrar as coisas de modo diferente. Percebi que o meu cunhado não era coisa boa, tal como o pintava a minha mãe e percebi que a minha irmã tinha as suas certas más intenções, enquanto me deixava estar em casa, só, atreito aos meus pensamentos e quando ninguém conhecido dava sinal, a não ser a prima de Angola, mulher de Manu que, por sua vez, parecia ter-me esquecido de vez. A escrever tanto e tão desalmadamente, sem contrato algum, com as minhas obras escarrapachadas na internet, disponíveis para download. Que parvo que fui!....

# 33.

Mudo a direcção das minhas especulações e abre-se uma porta de esperança e direcciono os meus esforços na procura de uma actividade remunerada, ainda que seja complicado e já tenha quase perdido a esperança. Fico-me pelos telefonemas à minha mãe e proponho-me estar três semanas em Lisboa sem ir a Riachos. A Igreja nada me dizia, quer fosse a Universidade ou mero agente dos padres. E ainda por cima abusado. Ou talvez por causa disso mesmo, de ter levado a ripada. Que parvo que eu fui!...

Eu, por ter ido às putas ou visto porno, havia pago um preço caro, a ostracização sumária da sociedade, por mais provas que desse de ser uma pessoa válida, o internamento psiquiátrico, que se repetiu por sete vezes, a falta de acesso ao mercado de trabalho, pelo menos para uma pessoa das minhas qualificações. Era uma espécie de Conde Monte-Cristo? Nah! Guiava-me mais o futuro do que o passado. Lentamente, sem grandes ajudas, saía de um situação de alcoólico para outra onde era acometido pelos mais terríveis e sinistros pensamentos, enquanto ninguém nada me dizia, nem um gesto de incentivo, em Riachos como em Lisboa. Mas, eu não iria fugir, como de outras vezes. Haveria de andar, sempre, „por aí“ ... Nisto como noutras coisas, eu julgava ser um sintôma do País, um barómetro, entre outros. Ainda assim, eu sabia ser uma pessoa respeitada. Embora ostracizada. E postergava o meu êxito e fazia pressão, não sabendo muitas vezes o que fazer, para que acontecesse algo...

# 34.

O real espartilhara-se com o virtual e isso, que estava deixando as novas tecnologias, os novos media, funcionava a desfavor no conhecimento de uma certa moça que acalentava ainda vir a conquistar. Na verdade, na minha vida, nada mais interessava. Nesse momento, o telemóvel tocou. Era um gajo que me andava a ligar. Ligava a toda a hora, a arfar, chamando-me panasca. Em vez de mudar de número eu simplesmente não ligava. Um *stalker*. Mas, enfim. Embora sentisse grande solidão, ou seja, uma espécie de vazio, de alegria não-transferida, eu acalentava por estar ainda um bom par de tempo por ali. Teria de me deixar da chantagem do cigarro e de continuar não bebendo, voltar às corridas, até porque tinha um certo obstáculo à sedução, a barriguinha. Embora algumas não lhe dessem importância, em termos gerais ficava mal na fotografia.

# 35.

Outrossim, precisava de ir a Fátima, nem que fosse para ver aquela enorme poia de merda à entrada do santuário, de mão dada com a aspirante a religiosa brasileira que me dera as boas tardes na estação de Caxarias...

Às tantas foi devido a isso que Madalena não fez vida comigo...o seu perfil no facebook estava já sumido, sumindo, sem fotografia sequer... Nunca tivera sorte com as mulheres, houve um tempo em que elas se aproximavam de mim quase rastejando, quando eu não lhes dava importância. Agora, a situação era outra e bastam-me as memórias...

Já me deu de novo vontade de voltar a Paris. Mas não sinto nenhum dos meus amores por lá, a não ser o mais belo vislumbre de um semblante em Toulouse, onde fiquei na casa da cantora de blues...

Portanto, resta-me falar daqueles que conheci e vivi em Portugal e Espanha...

# 36.

Jurara há dois anos esforçar-me por ser feliz e face ao resultado inicial animador, fui-me um pouco abaixo, mas havia recuperado nos últimos meses, entre Riachos e Lisboa, a pequena aldeia e a grande cidade e embora não tivesse conhecido ninguém na minha vida, vivia do ânimo instilado na mente dos meus amores do passado e dos prováveis, à vista desarmada ou na rede. Por vezes, acometia à minha mente o ímpeto de ir às meninas, mas julgava ser mais forte, porque queria guardar-me para algo bem mais importante que sabia estava para vir. Mas perdera aquele atrevimento que tinha em tempos, talvez por telefonar frequentemente à minha mãe, talvez por a minha abstinência passar pela linha do telefone até ao seu ouvido interno e lhe dar algum reconforto...

# 37.

Dois dias tranquilos e de novo volta a tormenta. Ainda não é tempo de falar dos amores. Entretanto, ia moendo desamores e coisas afetivas, via as coisas do lado negro, pensando em Riachos. Lisboa parecia-me uma cidade fria e eu não queria investir em relações. Mas tinha de fazer qualquer coisa. Sim, Lisboa parecia-me uma cidade inimiga. E não era por falta de tentar que não tinha por lá amigos. Mas, o culpado de toda a minha situação era só meu, por falta de autoestima e excesso de confiança nos outros. Por isso, por consequência, sentia-me só. As melhores mulheres nunca haveriam de vir para mim: quem queria um reformado pensionista que ainda por cima não trabalhava? Eu digo, tinha muitos outros pontos positivos no meu caminho: a escrita, o interesse e voluntarismo nas coisas, o doutoramento. Além do mais, mesmo não tendo dinheiro em abundância no dia-a-dia, ainda era um bom partido. E ainda estava bastante bem apresentável...

# 38.

Adoro as almas sem fundo, que se prolongam indefinida e teimosamente no tempo.

Vejo um programa de televisão sobre os reclusos em Portugal. De certa maneira sou um recluso de sorte preso e liberto nos meus próprios pensamentos. Um sábio.

# 39.

Por casa de uma lampisgóia ciosa do seu carrinho, par de um tropeiro peão, soube o mistério da violência doméstica: eles não gostam de ser contrariados, elas, ao abrigo dos direitos da mulheres, não se querem fazer de boneco, ou boneca, não se sabem calar e logo começam a levar porrada. Eles não querem ir às meninas, como lhes apetece porque elas deixam de lhes fazer certas coisas e começam a investir por fora... A garota chamou ao namorado deficiente mental e eu, que estava a dois bancos da situação, fiquei ofendido, isto de ter OCD e receber um subsídio de invalidez mata qualquer um, sobretudo o prestígio no meio das meninas, LOL-diria o outro.

E eis que ligou uma moça disposta a entrar neste livro, neste romance. Precisaria eu já de falar mais nos amores do passado? Não era mais importante o presente e o futuro? Não teria praticamente assegurado a matéria deste livro, ou seja encontrado, sem ilusões, o amor?

Saíra de Lisboa como quem pede pela vida, arfando, sabendo que sempre poderia voltar. Sempre que quisesse, independentemente das questões de põe e dos vaipes que nos impedem de estar serenos e tranquilos.

Chamava-se Maria. Cada vez mais tinha razão em não bater à porta de um hospital. Talvez uma consulta, quando tivesse dinheiro. Talvez fosse um dos poucos são neste país, ao lado dos meus. A minha mãe chateava-me a cabeça ao mesmo

tempo que sabia que o meu pai me percebia como nenhum outro, sem grandes palavras, sem grandes cumprimentos ou lamechisses.

A mulher é uma ave. Fraco do homem que não a deixa voar. Num instante a possui e pensa que a pode possuir ao longo do tempo, sob os mais variados compromissos sociais, a desbarato. A minha loucura, a haver, teria sido originada pela falta de amigos? Ou pelos próprios amigos, que me deixaram exangue? Quando não estás bem, és um sábio? Quando estás bem, és um parvo. Ao mesmo tempo que travas, disseminas. Percebo o que aconteceu com Victor. Apesar de ser filho único, os pais começaram a hostilizá-lo a um ponto que ele procurou um advogado e começou ou continuou a frequentar o café de Vila Fria, onde chegámos a ir com frequência. Pelo que lhe aconteceu a ele, devia de estar de sobreaviso. Depois, o que Lilly me contou, o que aconteceu com ela. A minha mãe já não me tinha afeto algum, o meu pai muito menos, eu para ele não existia, era um inapto. A minha irmã e o meu cunhado sonhava para que eu desaparecesse ou me internasse. Eu meu irmão estava longe mas ciente do que acontecia. E, por mais que eu sofresse, ninguém me dava uma palavra, tanto na aldeia como na cidade.

No mundo mudo, pouca grande coisa se passa, entre Riachos e Lisboa. Não tenho grandes amigos nem trabalho nem carro e com as qualificações que tenho o mercado de trabalho não encontra correspondência, aliás, talvez seja por isso, pela solidão, que não tenha uma coisa ou outra, tudo vai dar no mesmo. Eu era, nesses instantes, um etnógrafo do mundo metafísico, entre a novela e os cafés onde se acostavam homens com seus poderes e problemáticas mais ou menos senhoriais. Tinha toda esta imaginação e deixara de comprar livros há anos. Voltaria à Faculdade de Letras para comprar alguns? Voltaria à FCSH? Ao ISCTE? À Católica? Por que motivos lá podia os pés, o meu corpo? Talvez apenas se me convidassem. E, lá dentro, andariam os meus possíveis mates...

Depois, que se dane, descobri que não tinha escrito nada de jeito nos últimos anos. Os escritos escondidos assim permaneceriam, o últimos cadernos, mais à vista, assim permaneceriam, para que o tempo lhes fizesse justiça. Não a mim, que queria ir para outra praia. Pensava na minha irmã, uma pessoa cada vez mais madura e como fora o sacrifício em ajudar-me, bem como o meu irmão. E, por extensão, o meu cunhado e a minha cunhada, os pequenos. O meu mau feitio quase estragara tudo, mas havia qualquer coisa, não só em mim, mas sobretudo nos outros, que impedia que assim acontecesse. Alguém que viria ainda a conhecer....

O tempo passara e eu, nos meus filmes, mais depressa do que ele passara. E de que me valeu isso? Terá, pelo menos, valido mais do que se tivesse ficado parado. O homem que se interroga procura argumentar, nem que seja por estar sozinho. Mas, em Riachos, há vários especialistas de tal arte, a argumentação até metafísica. O meu pai é um deles. Há outros, o Mendice, o próprio Manu. O próprio saber aldeão é a suprema forma de argumentação no seu corpo de conhecimento, não diria melhor Raúl Iturra ou Paes de Brito.

# 40.

Um impasse em vez de ir ver um pouco de tv, vejo o meu espaço de trabalho com a luz acesa, depois com a luz apagada. Encosto-me à fímbria da porta. O Simba dorme, seus pêlos estão agarrados ao travesseiro. Deixá-los estar. Uma mosca sobrevôa o écran. Na Rádio, corre "Promise", de Elisabeth Duncan. A vida é curta, por isso, trabalhemos por criar, criar qualquer coisa como alegria...

Ao mesmo tempo, encontro uma série de crónicas e poemas não publicados dos tempos em que trabalhava no jornal de Pombal, O Correio de Pombal, com o Pimpão dos Santos, que por ora ainda deve estar no Brasil. É uma espécie de compilação a que reconheço uma certa qualidade, uma doce pureza que não têm os meus escritos mais recentes, mais ácidos e oxidantes. Na escrita, depois desses tempos áureos de 89-94, terei escrito a minha melhor prosa. Depois, só fiz borrada. Ou não, inversamente pensado, tenho sido genial todo o tempo e todos os outros, atores ou leitores, têm andado distraído, não falando dos editores. Neste país, edita-se por compadrio e a qualidade do texto fica áquem do desejo e perfeito. Nem sempre os melhores vencem e isso é lamentavelmente, porque podes ter talento e ainda por cima seres o mais esforçado e menos gabarolas e vês a maior parte dos leitores dos outros, comprando, quando tu tens de pagar para editar a tua prosa. Oxalá isso um dia mude. Porque eu raramente tive ajudas ou fui apaparicado. O caminho foi bastante agreste para mim e agora vou em velocidade de cruzeiro, de tão e tanto habituado estou em produzir.

A minha fé, a minha esperança, o não fazer merda, como outros, estendido e distendido no tempo. O que mais me espantava em dany era, para além de ser extremamente feio e mal-feito, a sua tendência para a depressão, que era uma forma de chantagem para que os outros o animassem. Eu era o contrário: bonito, sempre bem disposto, mesmo que tivesse sofrendo gotas de dor por dentro, que estivessem caindo dentro do meu Ser gotas de sangue por sofrimento face ao mundo ignoto e ignóbil, à diferenciação das atitudes. No fundo, eu era um pouco como ele, sempre insatisfeito, sempre brilhante nas mais filosóficas afirmações de um ponto de vista. Por isso tinha saudades dele.

Já não podia ver livros à minha frente. Esperava por alguém que me recuperasse esse ardor e fizesse encontrar o gosto que eu perdera tanto pelos livros quanto pela vida. Estava cego, como outros e em queda livre. E o tempo passava e eu agarrado a certas coisas, como vinho e cigarros. Mas sentia um prazer inexplicável ao me deitar na cama da Casa do Jardim em Riachos, meio-nú meio-vestido, depois de deixar o Simba ir apanhar ou fazer as suas necessidades no meio da palha do terreno do vizinho. Os animais têm alma? Se os índios (já) têm, também os animais terão, decerto. Mesmo que não falem. São uma forma de paz que nós, humanos, no meio das nossas parangonas mentais, não somos. Paciência. Resta-nos acreditar num futuro melhor, feliz. Sem mancha de pecado.

Encontrara Danny ao passar pela Igreja Velha. Falámos naturalmente de como iam correndo nossas vidas e de como o tempo passar. Ainda nos sentíamos com sorte por estarmos vivos, ambos com meio século de vida. Eu, depois de uma sesta, não deixava de pensar em como já era reformado, estava ainda atordoado do golpe que tivera aos trinta e cinco anos.

O escritor vive como se possuísse um segredo, quer dizia, para o outro ou a outra, sim, mas ele aperfeiçoa esse segredo e depende dele ou não se o revela em vida ou não. Ele recebe os dados da realidade social, que se articula com a natural, pois gosta de ouvir os passarinhos chilrear. O seu sonho é ver toda a gente animada e a dançar. Pelo menos o meu e o do protagonista é. Isso o faz sentir feliz, *au-delà* de Dostoievski.

Então, surgiram no panorama Norberto, Teodoro e Elisa. A este ponto, ainda daria Norberto umas aulas no ISCTE ou na NOVA, de antropologia social, mas, por indicação suprema de seu pai, "Deixa estar as coisas como estão para que não fiquem piores". Depois, Elisa, disse-me, "não confies tanto nos homens", enquanto Teodoro diria "confia em Deus". Ou nos deuses, como muitos diriam, especialmente os africanos animistas...

Entre outros pensamentos, não deixava de estar amargurado pelos antigos professores e colegas do ISCTE e da NOVA, essencialmente, porque os da CATÓLICA era tão néscios e elementares que me arrependi de oferecer os meus préstimos. Os da Clássica eram outro tipo de néscios, provavelmente mais provocadores e pretensiosos do que todos os outros. Não se meteram com qualquer um, mesmo os do ISCTE. Ziguezagueiei por vários departamentos e eles, anos e anos depois, não haviam percebido, estavam todos parados no tempo. Forçar o doutoramento? Insistir numa escrita doentia rancorosa e doentia, só para ser professor de faculdade? Era mais livre no céu aberto e Danny, o meu grande amigo, estava agora alegremente preso na sua faculdade...talvez até ao fim...de qualquer coisa mais... Sim, estava disponível para dar aulas, para discutir a tese, para muita coisa, inclusive continuar o meu projeto pessoal de uma universidade ou simplesmente deixá-lo online, estava disponível para muita coisa, mas não muito mais, pois estava já avisado da forma como havia sido tratado em diversos círculos e relativizava e perdia-me sem mulher, sendo que nem todos nem qualquer uma interessavam. AO

mesmo tempo, sorvia muito mais da realidade, como o melhor antropólogo de sempre.

Ainda assim, ninguém me dava uma palavra de incentivo, antes pelo contrário, só me condenavam e contrariavam. Ficava difícil, com pessoas assim, com uma família assim, com uma mãe que abafava tudo o que tu fazias. Era preciso ser o melhor para vencer e ter vencido. O Cristiano Ronaldo tinha a ajuda da mamã e eu nada. Quando o futebol, que não é cultura, mas sim desporto e espetáculo, negócio, tinha mais apoio do que a cultura, quando esta pouca qualidade tinha. Face a muita outra coisa que tenho em mente. Estranhamente, para se ser Professor Doutor em Portugal, é preciso pagar. A saber, para cima de três mil euros.

A minha conversa com Dany não mudara o que pensava sobre ele.

# 41.

Enquanto eu tirava nabos e nabos da púcara, outros aproveitavam-se para capitalizar para si e os mesmo. Mas eu continuava sereno, provavelmente se ter de avançar com um processo às faculdades por onde tinha passado, mas lembro-me agora, já o havia feito junto da procuradoria da república e ele não haviam ligado. E continuava sem ajuda alguma fazendo estas minhas coisas, sem uma palavra de apoio, mas talvez fosse esse o preço da independência. Resolvido, diz-se. Depois, apetecia-me ser vão, queixar-me, em vez de arranjar artimanhas para ser professor, a minha situação era simples quando estava fora da bolha das problemáticas e bastante complicada quando estava dentro da bolha, da bola que todos chutavam para todo o lado. Não tinha ilusões, restava-me submeter-me a provas e, depois, um concurso, quando outros, pelo menos neste país, faziam as coisas. Mas esses não haviam estado no convento, nem no seminário, não tinham tido a minha experiência de vida. E, entre esquecer e lutar, eu fui escolhendo lugar, nesse ponto onde já era o melhor escritor português vivo, não tinha dúvidas, enquanto outros diziam outra coisa qualquer. Porque eu não era fanático, sabia distrair-me e o poder não me obcecada nem tinha parangonas mentais sexuais. A grande parte, depois de encher o cú, armam-se em piegas. Sim, não acreditava que houvesse melhor escritor do que eu e o potencialmente melhor candidato ao mais emérito professor universitário português, ainda que estivesse só neste país à beira-mar plantado. Tudo o mais, pouco importava. E via brilhantismo e vocação nos meus escritos da licenciatura, dos tempos em que trabalhara para O Correio de Pombais. O que é

certo é que, entre a literatura e a academia, não havia ninguém com maior produção do que eu, eu batia diversos campos, estou a elogiar-me? Depois, percebi que não valia a pena (insistir), que estava esforçando-me demais. E, depois, desliguei-me...

Liguei o computador, que tinha mais de trinta anos e ainda funcionava plenamente, comprado na altura do Tsunami na Àsia. Deixei-o aceso, a arder, como se fosse escrever algo depois de estar deitado dois ou três minutos. A solidão fazia o resto. Era o melhor, mas ninguém sabia, ou todos sabiam e não queriam dizer, não queriam dar parte fraca. No meu mundo não havia seios nem damas, afagos e consolações, carinhos. Apenas a minha mente e o desafio de estar com ela intimamente, quase em guerra, como se fosse uma amada. Entre mim e o mundo, havia, pelo que não tinha, apensar porvir, ou seja, vontade de atravessar o tempo ou ser superior a ele, ou seja, voar com ele nas asas da imaginação. Ao menos, sabia que iria acordar de novo cansado e maldispuesto, cheio de obsessões no espírito, quase moribundo. Isso era o mais certo e não me afastava de me entregar à cama. Não tinha outra hipótese.

E ninguém te podia ajudar, nem sequer um bom samaritano. Porque tu eras o Bom Samaritano. Agora era escolher entre Doutoramento Honoris Causa pelo ISCTE ou Rei de Lisboa. De certo modo, por razões éticas, recuei, não queria que um dos meus alunos viesse a sofrer metade do que eu sofri e julgava que, de alguma maneira, isso transpareceria nas minhas aulas. Havia que partir para outros projetos, por mais razão que tivesse...

Só tenho encontrado pessoas que escrevem em relação a um tempo futuro que creem poder viver; eu não, escrevo por necessidade, como uma descarga, para o tempo presente, alimentado há algum tempo por um *bias* nietzscheano que me

está dando imensos problemas. E, para quê? Em nome de quê? Para os intelectuais? Em nome da literatura? Da ciência? E eu, como fico no meio de tudo isto? A minha família? O meu sustento e independência? Tudo me parece ser uma corja de oportunistas, desde a universidade à política até certos tipos da aldeia, a céu aberto, e muitos, disfarçados e que correm, na cidade.

É, nestes dias, lançado o quarto volume de *As Sombras de Grey*. O que a maior parte das mulheres não percebe é que o homem faz tudo por elas desde que elas se submetam ao seu poder. Politicamente correto ou não, eis a razão da história. Porém, a o poder das mulheres, insidioso ou não, tem ganho espaço, terreno. Até na intimidade . E o homem sente-se afrontado, sobre tudo porque elas não esperar um comportamento tolerante. Está nos genes delas, coitadas, sentirem-se excitadas por um homem másculo e autoritário, como se quisessem ou pudessem ser homens... Porque a mulher é uma flor no jardim do coração do homem e ele faz tudo para a conservar, pior, ver crescer, porque, de certo modo, ela afirma a masculinidade do homem que lhe pertence...

E penso na minha mãe, ainda que estando perto dela, encarquilhada e resmungona, o pai em forma e como chegaram até aqui, tomara eu fazer o mesmo. Não há um registo brilhante, artístico, estilístico, na vida, através do tempo a arte não existe, esse grito, nem a arte de viver. Apenas se vive e todos os registos são possíveis, daí legítimos *a seu tempo*.

# 42.

Em Portugal tudo se consegue, desde que saibas esperar e não sejas bobão, como se diz no Brasil. Podes aqui viver tranquilamente uma vida feliz porque criativa, sem grandes imposto e os grandes problemas das relações humanas que tens numa Inglaterra, França ou América. Desde que sejas modesto, poderás ser por aqui bastante feliz, sobretudo porque, como em África, há muito que fazer e tu tens o espírito de um etnógrafo, de um missionário. E não te importes comigo, estou fadado para não ter sucesso. Por isso é que sou o melhor, não tenho reconhecimento social, pelo menos à partida. Imagina-me: podia estar num convento e bem gostaria de estar, seria bem mais feliz do que sou na vida da rua e da vida de céu aberto. Embora velho, aprendo com o tempo porque não sou casmurro, a minha sobrinha que o diga. Acalento o sonho de ir à América, se tiver uma herança. E voltarei, para passar o resto dos meus dias entre Lisboa e Riachos, talvez de comboio. O impasse do tempo permite-me, no comboio, ter uma noção feliz das coisas e das pessoas, por isso se são tiver um carro, não me importo assim tanto, porque não tenho mulher desde há onze anos e vou ganhando uma certa resistência, por isso tanto aceito aquela que vem logo a caminho como a que custa a conquistar. A felicidade é questão de adaptação. O meu pai não me quer ver feliz e eu tenho de me aguentar; ele sonha em ver-me feliz, casar, um dia, percorrer os mesmo espaços do que ele. O homem sonha, a obra nasce, no meu de obras e arquitetos. As minhas foram outras e eu acredito que ele compreende e mesmo a mão, no meio da casmurrice genética, acredita, quer, confia.

Lembro-me dos japoneses troçando de mim no metro. São os maiores racistas, sobretudo porque estão geografica e antropologicamente isolados e foi preciso os portugueses terem ido ao seu encontro para terem a noção do mapa-mundo e se munirem do arcabuz para invadirem a Coreia e a China. Porque o português é assimetricamente igual ao japonês. Só que não é racista, não tem os olhos em bico.

Isto que digo e assevero como correto depende da minha estadia a um lugar não muito longínquo daqui, a Grécia, onde me confundiram com um japonês e estive em vias de facto com uma holandesa.

Fumas até às tantas, às entranhas da noite, escrevendo e pensando, diabolizando, desalmadamente, bebes vinho, e não queres acordar mal disposto e cansado no outro dia. É a chamada ressaca. É o chamado filme que estás fazendo...

E se eu ficasse por Riachos, sob pretexto de não queres investir mais sobre uma cidade que pouco me dá? Era bem feito. Mas regresso, pois num instante, acaba-se por esvaziar a boa-vontade. Depois de tanto tempo estava ainda na mesma terra, nada de grandes pesquisas antropológicas nem seduções. Fui visitar uma amiga da nossa família, Edna. Mais uma vez: é o sujeito que está mal ou é a sociedade que não satisfaz as necessidades dos seus membros? Proteger quem? O sujeito ou a sociedade no seu todo? Um grande debate. Depois, estamos em alto mar e deixamos andar o barco quase à deriva, ao sabor do vento, como se fôssemos tólos.

Mesmo nos meus momentos mais baixos, eu não deixava de ser antropólogo e isso ajudava-me a levantar-me. Talvez precisasse de ir a um psiquiatra, talvez não. Se cada vez que estivéssemos à nora fôssemos ao psiquiatra ou fôssemos internados, muito mal estava o mundo...

Não desistia de mim, por muito que custasse combater os pensamentos intrusivos, mais ou menos fortes, que se abatessem sob o meu espírito. Desliguei o computador e fechei os olhos para a noite, abrindo o domínio dos sonhos a uma estrela que procurava e se calhar já tinha aparecido.

# 43.

O meu primeiro amor? Ducla, depois do cinema, chorando em torrentes de lágrimas, veio ter a minha casa. Espantou-se por tudo estar no sítio, como se eu fosse algum premeditado. Apenas gostava de ter as coisas arrumas, especialmente na cozinha e WC. Ela andava por lá na sala de fotocópias, veja-se a canção do Xutos, e deixei que um dinamarquês lhe pegasse, talvez tivesse mais fome do que eu ou não se soubesse aguentar. Poucos anos depois estive para ir a Aarhus, mas há última, talvez por condição psíquica, não fui. Sim, eu fui o segundo a comê-la. Era amorosa e carinhosa e foi em minha casa. Talvez fosse ou tivesse sido a única que tenha amado em todo este tempo, a Ducla...

# 44.

A minha segunda miúda foi a Tristana. Estive para ficar noivo dela. Andei uns tempos a correr para a Damaia onde ela vivia com a mãe e uma encantadora senhora que era minha tia-avó. Fazíamos as coisas que tínhamos de fazer no carro, e eu sempre com grande ereções. Mas depois cansei-me , ela não queria chegar a vias de fato, dava por esses tempos aulas nas Olaias. Ele, depois de algum tempo propôs-me que lhe comprasse um anel de noivado, mas mesmo depois de ter-mos transado a sério, disse que não gostava de mim e eu nunca lá mais apareci. E o pretenso noivado foi por água abaixo. O Opel White fez viagens até de noite, atravessando Benfica, a minha mente não descansava, ela era ainda minha prima, quanto mais se arrima, mas eu acabei por desistir, não era mulher para mim. Talvez lhe dê um toque um destes dias a ver se vamos a vias de fato para alguma coisa.

# 45.

A minha terceira miúdo foi Madalena. Talvez aquela que mais verdadeiramente tivesse amado. Andámos nos cafés em Pombais, conversando sobre tudo e mais alguma coisa. Conheci-a por uma amiga comum da minha irmã. Esteve comigo na Casa do Jardim e o meu pai adorava que eu estivesse com ela, pois ainda era quase de família por parte de antigos amigos de França que eram da Calvaria, em Riachos. Conduzi o seu carrito Estrela da Manhã até Lérida, nas ruas de Pombais, pois o meu último carro foi o Opel White e já não andava por essa altura com ela. Talvez tivesse sido o único carro que alguma vez tivesse, mesmo nas aulas em Lérida, nos encontros noctívagos na Alibi, na Império Romano, com os dois Dannys, nesse tempo.

# 46.

E chegamos a Lilly, já em Lisboa. Eu era como que um psicólogo para ela. Curtimos bastante bem, com calmas, sempre pressas, durante muito tempo. Estivémos para casar, eu eu dava a minha casa ao filho dela. Mas, quando lhe disse que a casa não era minha, ela desistiu. Naquela altura, estava para escrever uma carta soba forma de email ao presidente da República, pela forma como havia sido tratado no Caso O Conflito das Faculdades. Mas, não sei porquê, se por modéstia e humildade, não o havia feito. E hesitava em fazê-lo, talvez porque nem sequer valesse a pena, não iria resolver nada. Mas a minha sabedoria permanecia intacta, bem como o desejo de ser professor e até porque o doutoramento já não dependia de mim...

# 47.

Muita gente que passou pela minha vida deveria estar atrás das grades. Aliás, não faço uma denúncia à Polícia Judiciária porque já fiz à Procuradoria Geral da República e não me deram resposta, sobre o Conflito das Faculdades...procuro não me armar em Conde Monte-Cristo, embora tivesse bastantes razões para isso. Mas não vejo as coisas assim, deixá-los ser corruptos e oportunistas, situacionistas, a mim pouco me faz diferença, prossigo a minha vida ao meu ritmo.

Nesse tempo, ainda a selecção de futebol estava para jogar dali a seis dias, já cobriam a partida e a chegada do avião até Budapeste. Ridículo e patético....não haveria algo de mais interessante e pertinente para dar nas tvs de informação?

# 48.

Nesse dia de Camões, tive o pre-sentimento de ter ultrapassado qualquer escritor português vivo. E continuava a grassar no domínio do científico e do cultural, ainda que a maior parte das vezes especulativamente, pois estava fisicamente só. Mas...de longe Lobo Antunes, Saramago, que não tinham escrito tantas obras quanto eu, ao longe Cardoso Martins, Gonçalo Tavares, Pepetela, Agualusa, de bem longe, na minha determinação e coragem, na minha capacidade de sofrimento pela obra de arte. No entanto, as coisas não se proporcionavam: não tinha o amor de uma mulher, o respeito das pessoas, permanecia como que de onde nunca havia saído, de um convento, de um seminário...

Depois, lembrei-me do tipo com quem corri nos 10 km do estádio da Palha, tinha eu 14 anos, e de ele ser uma espécie de dirigente locais em Pombais, quando ficou lá na Escola secundária, e casou duas vezes, tratando mal as mulheres, quando se ficou com uma licenciatura em Geografia e parece ainda que mestrado. Quer eu quisesse quer não, era um dos meus inimigos, além do Léomil e do Javali. Sim, ainda tinha inimigos em Riachos, talvez o maior de todos fosse o Tóbi, não aquele que me havia dado um chuto no rabo em pequeno, coisa que eu nunca lhe perdoara, mas aquele que

Que me ameaçara três vezes de porrada, sob pretensa uma ofensa minha no facebook...

# 49.

Mas...qual a mulher seguinte? Nenhuma, depois de Lilly não tivera mais nenhuma, já lá vão onze anos...

Sim, talvez os maricas fossem os mais fortes, os mais amáveis e generosos, quando duas concepções de vida se digladiavam, a machista e a outra, ternurenta. Mesmo que não fosse gay. A voragem dos tempos contra os tempos da voragem. O tempo ultrapassado, em que procuramos refazer a vida, mesmo chorando sem regra pelos amigos perdidos, o tempo da ânsia, como se quiséssemos comer, possuir o mundo antes que ele nos comesse a nós por inteiro e fizessem de nós seus representantes numa sociedade carnívora, ante a emergência do vegetarianismo...

Depois, no meio de tudo isto, procurava também uma espécie de redenção, que me trouxesse o à-vontade com as miúdas, as mulheres, ou seja, voltar a ganhar confiança em mim mesmo e não atribuir aos outros merdas que eu não tive coragem de fazer, fosse por causa da doença, fosse por causa da pandeleirice que senti em certos momentos da minhas vida. Em mim, como em outros, conviviam dois homens absolutamente distintos, o gay que deu o jeito ao vale de Almeida para legalizar, através do Bloco de Esquerda o casamento dos gays, e o outro, autoritário, do PS, quase nacionalista, quase do Chega...Ou seja, um cozido, outro *homo erectus*...

# 50.

Pensava em Brígida e no Colinas, que já fora desta para melhor, como o Domingas, o Luisão. Como podia ter eu pensamentos odientos para com Danny se estávamos todos partindo, mais cedo ou mais tarde? Ou seja, que raio de demónio era o meu cérebro, que queria sempre mais e mais, tendo conquistado já bastante, se quiseses, para me sentir superior a muitos? Que raio de ser humano estava eu em vias de me transformar? Por outro lado, ao lado de todos estes pensamentos de superioridade, só porque tinha estado num convento, pensava na minha mãe e imaginava os meus passos, num acto mórbido de policiamento da única pessoa que me ligava ao mundo. A Minha mãe....

# 51.

Não, não houvera mais nenhuma. Estávamos em 2021 e desde Lilly, nada mais, só relações esporádicas, para uma queca eventual, valha-me o Miguel Esteves Cardoso, estava dez anos sem mulher, pode-se dizer... Bastava-me ser considerado um bom prosador, ainda que não fosse absolutamente filosófico, redundantemente antropológico e ter a minha miúda nas calmas... Nem que fosse a do rottweiler...

Quanto à pandemia do COVID-19, Lisboa ficara para trás e mais uma vez os meus desejos não eram atendidos, a não ser que fosse às meninas, mas para isso lá iam trinta o sessenta euros ao ar, conforme a qualidade da coisa e eu preferia o sofrimento da carência ao afago do dever cumprido enquanto macho social socializante...

Sim, preferia, ainda que periclitante, enervado e a muito custo, ensaiar outras aproximações, quais delas a cama como lugar onde a minha alma atormentada repousava, sem pós-orgasmisc chilis...

# 52.

Sinceramente, acho que a culpa é da nêpera. Tenho tanto vontade de a comer do que quanto de a eclipsar da nossa mente, tal é a obsessão. Mas...tudo bem, algum dia terias de ter um AVC, oxalá fosse hoje e tu o superasses, para saber o caminho que pisas e seres ainda mais maluco do que antes. Mas pronto, dos tempos do jornal e da faculdade saquei mais dois livros, *Da Eminência do Olhar* e *Escritos Jornalísticos*. Foi aí que eu percebi que era o melhor. Mas, no dia seguinte, um jogador dinamarquês cai inanimado numa partida de futebol. Fiquei a saber que era tão frágil quanto ele, tão frágil quanto o Charréu, o Vítor, o Spencer, o Colinas...

Quanto ao trabalho, eu estava sossegado, não havia trabalho para mim, quanto mais reformado, ali, encostado aos cinquenta anos. Aliás, na aldeia há muito quem não faça nada, muito menos escrita e filosofia... Além do mais, o amor pode ser o filiar, ou seja, relativo a uma pessoa, o romântico, e pode ser o religioso, o face à tua mãe e ao mundo...

# 53.

Dois dias e voltou a paz, mas ao terceiro dia abateu-se sob mim enorme tristeza, apenas entrecortada pelos telefonemas à minha velhota mãe. A mão de Deus, porém, levantou-me do sofrimento e da dor de um teórico no deserto do pensamento, e Deus, perdoando-me de me ter armado em deus, acolhe-me e ilustra o meu espírito, além dos corpos misturados e das vozes das pulsões desordenadas na minha cabeça, porque é isso que faz perder o mundo, como ilustra Hollywood, um desprezo pela vida simples e contemplativa, especulativa, no fundo, um desprezo pela integridade da vida.

# 54.

Nesses dias de verão, as pessoas iam cada vez mais à praia. Eu ficava a ver a Missa na TV. Os ingleses iam todos para o Algarve. Eu ficava pela minha aldeia, fosse Riachos fosse Lisboa. E uma vizinha morreu, com quase oitenta anos, católica convicta, dizendo-se baixinho que se terá suicidado. Problema difícil, esse, porque na busca da permanência de Deus na nossa vida, na nossa existência, encontramos grande parte das vezes o Belzebu, o Satanás. Já eu havia tomado 50 comprimidos para dar cabo da vida e ainda resisto a essa tentativa, do ar doentio que paira sobre a pessoa que nada tem a fazer, quando se virar a folha, muito tem a fazer, mesmo face ao esquecimento dos outros, que é bastante cruel neste país, porque a crueldade das pessoas emocionais é do pior que há e eles, quem serão eles, vão fugindo para a frente como vagas de cardumes de peixe...

# 55.

Talvez a aldeia não fosse nem uma nem outra, mas o comboio, o comboio em trânsito, como se o meu espírito se deslocasse desde há mais de trinta anos, independentemente do destino, da companhia dos passageiros, do percurso, que era sempre o mesmo, vendo eu diferentes paisagens na mesma e única paisagem, que pouco mudava com o (passar do) tempo, a não ser as obras na via dos gajos da Obriverca e da Plastidom. Por isso, procurava entrar num discurso mais ou menos teológico, metafísico e especulativo, de novo, para andar entretido, enquanto trabalho nem o ver, quando o irmão estava com uma dor ciática do auto dos danados e ainda tinha vontade para me pôr dez euros na conta para atravessar, ir ao encontro, desse sol de Domingo na luz de Lisboa...

# 56.

Nesses dias, vi novamente o Valdir na estação do oriente e o russo no aeroporto, pelos vistos voltava de viagem. Eu, na verdade, devido à falta de dinheiro, já não estava sendo grande antropólogo, ainda que na cidade, falava com pouca gente e embora sempre ou quase sempre simpático, procurava uma ou outra ideia para voltar sempre e mais uma vez a este espaço em branco. Na maior parte interessava-me arranjar uma miúda, mas tinha pouco sorte, que mais haveria de fazer? Tinha nessa altura três opções na minha modesta e moderna antropologia: a Baixa, a Expo e o Aeroporto e isto era para que não voltasse a Riachos, de onde o meu pai já me expulsara mas eu não lhe fazia as vontades, voltava sempre e também não arranjava o emprego e a posição social que ele queria para mim. Mas, esse campeonato ia quase no fim... Foi nesses dias polémica a fuga de informação do Município de Lisboa para o Kremlin sobre dissidentes da Bielorrússia. O jogador de ontem retomou os sentidos e está bem, enquanto mais um craque da minha infância, melhor, adolescência, havia falecido, o guarda-redes Neno.

# 57.

Andava de espírito agitado, pouco sossegado, talvez por não ter uma mulher, um romance, mas tinha uma musa, mais ou menos parola, e seguia os passos de minha mãe ao dizer-me para me lixar para o ambiente de Riachos que, de resto, nunca me dera uma mulher. Estivera no ano passado inteiro sem conhecer mulher, a não ser logo em Janeiro, a uma mulher da vida. Estava tentando não ir, porque tinha outras prioridades e investia tempo na procura do amor. Talvez o tivesse encontrado já e não dera por conta disso e andasse cego talvez pelas coisas físicas que ora me atormentavam, sob a forma de obsessões, ora me faziam bem, saciar o espírito com essas coisas, ao mesmo tempo que voltara a acreditar em Deus e na sociedade, por mais só que me sentisse e não falasse com ninguém em Lisboa senão para pedir um café. Meu trabalho era um pouco ingrato, mas eu esperava melhores dias, enquanto piscava os olhos às turistas.

# 58.

Perguntava-me: porque escrevo? Porque não vou antes ao psiquiatra ou faço novas amizades? À uma porque não tenho dinheiro para ir ao médico e já consegui uma margem de conforto emocional para dispensar disso, a OCD sempre a tive, os comprimidos apenas servem de almofada, para que evite o suicídio e a mente resvale para outras parangonas. Há muita gente como em Lisboa, meus amigos e conhecidos, outros totalmente estranhos. A função do escritor não é “corromper” como diria José Cardoso Pires, mas pacificar e explicar, como diria eu mesmo...

# 59.

Há um silêncio fora de mim, ao meu redor e dentro de mim. Os meus contemporâneos e conterrâneos nada me dizem, estou noutra comprimento de onde, noutra registo e ninguém me dá a importância, mesmo que prossiga, mesmo que chama a atenção, mesmo que me esforce, com mais ou menos talento. Será do álcool? Há gente que precisa de ser chamada à atenção, pois poucos escritores escreveram tanto quanto eu e ainda por cima as teses. Estou nessa linha entre o academismo e o senso-comum da literatura. E às tantas ninguém me vê, ninguém me percebe nessa com-fusão, nesse dissimulamento...O canudo da literatura é indivisível, indivisível, pouco perceptível ao estúpido homem e mulher do senso-comum, que se contenta em olhar para o outro quando a nódoa está em sim mesmo...

Com isto tudo, não foi assim tão mau os tempos de professor nas Olaias, até organizámos um jogo de futebol e uma festa, quem consegue isso numa cidade como Lisboa onde uns perseguem os outros e nada nem ninguém quer saber de alguém? Um pouco como *O Clube dos Poetas Mortos* e, mais recentemente, *Por Falar de Amor*.

# 60.

E então, nesses dias de estio em Lisboa, deu-me uma irreprimível vontade de ir à Igreja, fosse a de Moscat, fosse a da Expo, fosse a de Ferreirinhos, tinha algum receio que as pessoas me vissem entrar, dado o meu passado, mas fiquei com uma vontade enorme de ir, mais do que correr e pensar em porcarias que não faziam sentido nenhum. Voltara a ler a Bíblia, livros religiosos diversos, folhear o missal e isso, de certo modo, também me aproximava da filosofia e me trazia paz ao espírito, mesmo em casa, sobretudo onde eu mais precisava, ali em casa. É claro que estava já reconciliado pelos acontecimentos de Montariol, mas ainda não via o seu todo como benfazejo na minha vida. Era tempo de descoberta e um jovem com dezoito anos anda como que cego em procura do destino, de referenciais para a sua acção no tempo...

Plantado em Moscat, um antropólogo sofria de solidão. Era simpático, por vezes mal-humorado e casmurro, levava o seu tempo em casa, a escrever, ler, ver TV. E sentia que as pessoas não lhe ligavam, ainda que dissesse os bons dias a algumas. Mas a maioria era antipática, gente pobre e antipática, coisa feia, não havia de se tirar nada de onde nada havia. E se havia pessoa que tivesse dado vida e dinamizado a vida do bairro nesses anos em torno da pandemia, fora esse jovem antropólogo, por mais que custe a muitas pessoas e ele nada havia lucrado com isso, talvez apenas de um pouco de paz e indiferença...

# 61.

Na Igreja, estás solenemente entregue a ti mesmo, ante o Deus vivo. Os pensamentos que te ocorrem também são maus, mas dóiem menos porque de certa maneira os entregas a uma entidade superior que se encarrega de os obliterar da tua mente. Não há droga nem bebida maior do que a meditação, o facto de estares em paz contigo mesmo, com os céus, a terra, os outros. Depois, quando comesças a rezar, o teu espírito começa a crescer. Até o teu corpo se modifica, é sarado das mazelas da mente que afectam o teu corpo. Como vês, no sacrário está o que se denomina Corpo de Deus, ou de Cristo. Tendo consciência disso, não tens desvelo em entregar o teu também, abdica, tudo fica mais belo, mais leve, tudo chega a fazer sentido...

# 62.

Também tenho os meus problemas, não sou assim tão forte. Aliás, o conceito de bravura é distinto do de fortaleza. Depois, à saída da Igreja, cruzei-me com uma miúda tão jeitosa que pensei: não sonhes demasiado, porque pode acontecer-te e tu tens de te ver à brava. Depois, pensei, sobre as pessoas e sua antipatia, as pessoas pode estar deprimidas e não haver lugar para grandes sorrisos ou amizades, este vírus trouxe bastante tristeza, cálculo e contenção no convívio e relação entre as pessoas. E, de algum modo, era meu dever, enquanto antropólogo, zelar por isso, mesmo que não estivesse no auge das minhas forças. Seja como for, eu estava em deficit de atenção, de carinho, de consideração e não sabia como resolver isso. E andava de um lado para o outro, resistindo entrar nos cafés onde estava bêbados encostados a todos os lados, com ou sem as suas mulheres. De algum modo, não queria deitar tudo a perder por um ou outro comportamento sem controlo, quando a casa era para mim uma prisão e nem um carro tinha para ir até à linha...

# 63.

A busca, deliberada, da excitação, talvez fora o meu defeito e o de muitos, já agora, aqueles que haviam ficado pelo caminho. Eu ainda estava na estrada e procurava na religião uma paz que desde os 19 anos não tivera, com períodos intercalares, e desde a altura em que me entreguei à psiquiatria. Que havia conseguido? Um curso, relações que se perderam.? Sim, a busca da excitação era a razão tanto para estar só como para não estar...

Depois, tive a ideia de deixar de publicar, na internet, como estava fazendo, quanto mais em papel. Porque não vendia. Passaria apenas a escrever, como um surdo, ou seja, como aquele que escreve e descreve conceitos mas não tem eco deles, portanto totalmente só e desreferenciado aos outros, ao leitor, ao Outro. Faltava-me um grande contacto com uma grande editora, cá ou lá fora, talvez uma ida à TV, enquanto me resguardava do cansaço e tentava não fumar, não beber...

# 64.

Estava armado em parvo, tendo já encontrado o amor duas ou três vezes, tropeçara, deixara-o escorrer por entre os dedos como areia na praia, a relação com os meus irmãos decaía um pouco, embora ainda ligasse à minha mãe. Mas notava-a cada vez cansada, pela voz. Farta desta merda toda, deste mundo que não lhe dava valor. E eu um senhor paciências que aguentava tudo em nome da literatura, da filosofia, insultos, críticas, desatenções e desvelos. Mas eu era assim, umas vezes reagia, outra não, engolia em seco, mesmo de tipos e tipas que não viviam a vida, ou seja, nunca se haviam interrogado sobre coisa nenhuma quanto mais sobre a sua vida, sobre o facto de existirem. Ainda assim, tentando não me davam atenção quanto não me chateavam e eu lá continuava o meu caminho, jornada após jornada, tentando não beber nem fumar... Enquanto isso, na TV passava o filme *Café...* E, com o passar do tempo, aprendia a ter mais auto-estima por eu mesmo... Eu estava tão viciado em cigarros, que, deparando-me com o meio-pânico de não saber que fazer, pegava logo no cigarro, ou seja, fazer para mim era como fumar. Ainda assim, eu tinha desculpas, pois aparentemente a nicotina como que me tirava as dores e obsessões, ou seja, o meu espírito, embrenhado no fumo, ficava ocupado até os sintomas abrandavam. Mas sim, podia voltar a ir à Missa. Antes isso do que o psiquiatra.

# 65.

Olha, o Cancelo ficou fora do Euro. Um jogador que eu admiro desde que jogava no Benfica. Faço a comida, já é noite, cozo um arroz de feijão com umas coisas refogadas entremeadas. Não consigo odiar o meu pai, por vezes dá-me raiva, nervos por ele não me dar valor, mas não o consigo odiar, acho que fiquei gostando dele depois de ele me ter insultado. Ao menos descarregou as frustrações por não ser um homem de letras, o homem!...

# 66.

Não sei o que isto tem que ver com amor, mas o velhote pai de Antenor, Precísio Gonçalves, andava nesses dias furioso pela aldeia fora, aparentemente tramado com o filho, melindrado, depois de anos e anos de sofrimento da parte de ambos. O pior ou o melhor é que o que acontecera com Vitório servia de exemplo, pois Precísio podia simplesmente pegar na caçadeira e acabar com a vida do filho, sabe-se lá porquê, nunca se saberá a razão, por mais que se especule ou procura falar com ele, que ele não fala muito, sempre foi homem de poucas falar. Poder-se-ia dizer que não reconhece no filho a continuidade do seu legado familiar, quer porque não casou, quer porque é um intelectual. Mas o pai de Manu admirava Antenor e, no fundo, também Precísio o admira e ama, sabe o narrador de fonte segura, mas talvez tivesse querido outra coisa para a vida dele...

# 67.

Antenor estava plenamente convencido de que era gay, mas ainda que o fosse, por hipótese, vamos lá, isso entristeceria o seu pai? Não estaria ele a “matar” o único garante de continuidade do tempo de uma certa herança familiar? Ao mesmo tempo, Manu nada dizia, enquanto ele andavam nas patuscadas, Antenor estava no apartamento, sozinho, pensando no que fazer até para confortar a sua mãe da ira de um pai tresloucado, talvez apenas com ele mesmo, que não era capaz de compreender certas coisas, certas opções de vida e considerava o filho como muita gente o considerava, abaixo de cão, pior, merda, quando no fundo o que eles tinham era inveja dele, pois fora aquele que mais nome havia dado a Riachos, aquele a quem muitos admiravam em Lisboa, aquele mesmo que não conseguiam, uns e outros, dobrar para baixo.

# 68.

Estou como a minha irmã, passo uma noite de insónias e dor de cabeça, não consigo dormir com tudo isto e ainda por cima arrisco-me a levar um tiro por causa de um sujeito tresloucado que por acaso é meu pai. Telefono à mulher de Manu, em Luanda, mas ela não atende. Precisava de falar com alguém, tenho andado muito só nisto tudo e não é só o álcool nem a bebedeira, são as pessoas, pessoas que se afastaram de mim e que não contam comigo. Pois eu não conto com elas...

Em tudo isto, tenho sido bastante generoso, lidado com amigos que se aproveitam de alguma ingenuidade que tenho, mas não mais, sozinho também me dou bem, tenho a minha escrita e talvez não precise de um psiquiatra, embora seja cruel a situação em que estou e que não é somente devido ao tipo de sujeito que sou, mas também ao abandono a que os outros me votaram, por mais que eu me esforçasse parecia ser pior ainda.

# 69.

Na escrita, só ganhas inimizadas, a maior parte dos que te conheceram e viram crescer sentem inveja ou então odeiam o escritor que consideram uma espécie de espião ao serviço da CIA ou do KGB. E quanto mais talentoso és, não é o tipo de talento que muitos julgam ter por aí, quanto mais aprofundas as questões, mais só te sentes, porque ninguém te acompanha nessa jornada solitária nem há mimosinhos, apertos de mão ou palmadinhas nas costas, no fundo estás a extrair conhecimento e a maior parte dos outros está a falar mal de ti pelas costas, enquanto outros te admiram, é certo, mas não passa daí...

# 70.

E estava nisto, em casa a tirar nabos da púcara, via TV e estava no computador pondo os meus livros na Amazon e pouco saía de casa, não ao aeroporto, não à baixa, não ao oriente, porque tudo me parecia estranhamente cruel, ninguém queria saber de mim nem se importava se eu estava bem ou mal. A minha odisséia com os livros parecia não terminar, estava chegando a bom ritmo às cem obras, mas nem sinal de vendas ou de um contrato com uma grande editora. A não ser que pagasse. O mesmo acontecia com a discussão da tese... Ao mesmo tempo, era um vencedor, resistia ao pior dos males, o esquecimento, a solidão e não me rebaixava nem um pouco, continuava positivo e ciente do caminho percorrido, um pouco como a selecção de futebol...

# 71.

Perguntava-me eu, “porque é que não saís de casa?”, “porque é que não fazes amigos”? Boas perguntas, seria por estar a escrever, por medo, receio de encontrar as pessoas e me expor. O meu coração palpitava e lembrava-me do meu pai e do seu nervoso, de que tinha de ser forte se alguma coisa acontecesse, sobretudo pela minha mãe, que podia estar fazendo um Alzheimer ou coisa parecida. O meu pai era certo que tinha, já não conhecia o filho do meio e os seus méritos, quanto mais não fosse apostar numa ciência em que ninguém apostava. Por isso, para ele, se tornou uma forma de arte...

# 72.

Depois, penso para comigo mesmo: “Pedir a uma pessoa que está deprimida, que tem uma doença crónica, que deixe de fumar e de beber, pode parecer estupidez da maior”. Ou não, ou estou mesmo controlando isso, fumando menos apesar da situação e mesmo bebendo menos, quanto mais não seja pela barriga, quando fui de novo à Igreja e acendi 5 velas, para cada um dos da minha família nuclear. .. Mesmo assim, será o amor uma ilusão? Eu creio que é mais uma desilusão, obedece aos ciclos da vida biológica e o que conta são as hormonas. É assim para muitos, outros nem tanto, são mais românticos. Outros ainda, põem o acento na componente física e estão sempre em busca da satisfação. Eu deixei de acreditar no amor, ter uma vida em conjunto. Não fui feito para isso. Mas ainda sonho com partilhar o mesmo espaço com uma pessoa, sei que será temporário, pois logo depois haverá zanga, talvez devido ao facto de eu ser exigente e não encontrar e talvez nem existir a pessoa certa...

# 73.

Logo pela manhã, liga-me um tôla que me quer ajudar a escrever este livro. Digo tola, porque é uma burra pretenciosa, tem a mania que sabe, que conhece pessoas. Aliás, dos anúncios daquelas revistas só se tira gente burra. Isso confunde-me, ando aqui de um lado para o outro tentando saber se devo tomar banho todos os dias se de semana a semana. Nada de interrogações filosóficas, nada de grandes e elevados pensamentos, tudo muito concreto a propósito do corpo. Isto das letras tem muito que se lhe diga, dá alguma satisfação no início, depois fazemos só por dever, para descarregar a consciência, passa a ser um degredo e ainda por cima somos julgados porque não é considerado trabalho...

Aliás, deixo-te um enigma: Já viste algum antropólogo que deteste grupos? Que perceba, à partida o intento de uns e outros, sem ter de dizer que são motivados por uma e outra coisa? Terás de dizer, é devido ao contexto, cidadão. Mas também acontece na aldeia. Esse antropólogo detesta grupo, porque neles há sempre traições, um elo mais fraco, alguém que bufa. Logo, deixará de estudar antropologia? Por isso, aliás, é que anda só. Estuda antropologia e detesta grupos.

# 74.

Depois, lembrava-me da melhor turma de antropologia do ISCTE, a Teresa, os Luíses, os Vitores, a Catarina, a Wanda, a Margarida, sem dúvida a melhor turma de sempre do ISCTE. E para quê me lembrava disto, o jogo de Portugal com a Hungria estava prestes a começar, estava calor e ainda assim ninguém na rua, eu estava em casa, liguei à mãe e ela estava com tonturas, liguei à irmã e estava casmurra, como sempre, dizendo que eu gosto de me armar em vítima. Liguei ao Filipe, que estava com uma dor ciática e zanguei-me com ele, porque me está sempre a dar na cabeça. Haja cabeça para isto, ou não haja, haja organismo para persistir...

# 75.

Podia estar num hospital, fumando, a este instante, um cigarro, atrofiado por uma injeção de Haldol, fingindo ou não, acho que nunca fingi estas coisas, para descansar a cabeça e quando voltasse, mal ou pior, bem ou melhor, teria de recomeçar tudo de novo e seria olhado com alguma pena, numa sociedade que está doente e não o reconhece, dado o tabu da doença mental, uma sociedade mais do que bipolar, declaradamente esquizofrénica e reiterativa de reverberações mais ou menos caducas em torno da moralidade e do êxito. Mas, quanto a isso, tenho-me aguentado bem, desde o ano 17, com mais ou menos álcool, com mais ou menos fumo e solidão. Os últimos serão os primeiros e já cá não estarei, por isso é que não escrevo tão desalmadamente quanto o fazia, porque começo e acabo por perceber as manhas da sociedade, ainda que não lhe retire lucro ou proveito algum, daí a perspectiva ética da coisa.

# 76.

E eis que deixo o livro, esta obra, em banho-maria. Mas não resisti, as ideias iam e vinham à/da minha cabeça. Lembrei-me do Senhor Jales, que me deu o jeito na secretaria da Escola de Pombais, para que pudesse ao mesmo tempo frequentar o décimo primeiro e o décimo segundo anos, para repetir o complementar que tinha feito em Leiria e Braga, porque veja-se, fiz o 10º, 11º e 12º anos duas vezes, pois não aceitava o estado equivalência a estudos eclesiásticos. Mas lembro-me do homem, bom homem, que me ajudou até quando, depois da licenciatura, resolvi tentar América, em vão.

# 77.

Terei ido muito longe na minha literatura, ainda sem grande audiência e estou quase a desistir em nome da minha saúde, da minha sobrevivência enquanto corpo e pessoa, porque o espírito sempre andará por aí, mais ou menos incólume e inquieto. “Nunca subestimes um português motivado”, eis o que escrevi nas minhas notas que tenho tomado à mão. Entretanto o jogo decorria. Havia comprado um pizza para o jantar e o gelado para compor. Tinha tabaco que chegasse. Voltaria aqui, ao convívio do leitor branco-preto? Decidi voltar às faculdades, talvez para iniciar um novo escrito, *O Conflito das Faculdades*... Ainda assim, não tendo o que outros tinham e tendo muito mais do que os outros tinha, a saber, o meu talento e perseverança, procurava não me entusiasmar demasiado e, ainda que sim, ter calma para o que tinha a conquistar e que ficava flectido neste espaço em preto-branco...

# 78.

Há mais de trinta anos que fazia o percurso entre Riachos e Lisboa, uma vez por semana, ida e volta, volta e ida. Daria no futuro, um magnífico estudo antropológico, mas também filosófico, pois a tese e os comentários eram de diversa ordem, até literária, diria. Talvez mais literária, porque nunca mais tinha falado com colega algum, fosse de antropologia, fosse de filosofia. Bons tempos, os do ISCTE, em que fui salvo, não pelo sexo, mas pela amizade, salvo de uma vida conventual que só me angustiava, salvo de uma vida inteiramente dedicada a Riachos, que me limitava e salvo para uma vida a Lisboa, que me enchia o peito de estranha familiaridade e cumplicidade...

# 79.

“Tu podes ser muito boa, muito prática, procurar a fortuna no teu amado”, mas para mim não deixas de ser uma parva situacionista, que apenas procura fama e bom partido sem algum dia ter reflectido sobre a existência”. As mulheres mais sensuais são, na verdade, umas burras. Que raio de mistério é esse? Elas são belas, mas nada percebem de arte ou filosofia. E os meus dias iam passando, sem mulher alguma, sem diálogo, ainda que falasse com a minha musa. Popular.

Eu faço, eu sou, porque faço e sou em grupo. Penso em grupos, nos mais variados grupos da minha existência, seja definitivos, seja efémeros.

# 80.

Ainda assim, procurava ver o positivo que havia em estar sozinho. Na verdade, que seria de mim sem a filosofia? Sem a literatura, sem a antropologia? Eu não tinha chegado a lado algum sem elas e não quero dizer que tenham sido muletas. Pelo menos ninguém me chateava, embora isso me chateava, porque eu queria contacto social...e sexual, obviamente. Muito, muitas vezes. É o melhor que há desta vida, a interacção nas mais diversas formas e conteúdos. Superfícies leitosas habitavam o meu espírito e fazia calor, eu sentia, após uma vitória de Portugal, que o pior havia passado, a minha musa estava a caminho para me ajudar a concluir esta obra, que mais podia eu crer? Muito mais do que muitos haviam feito ou merecido...

# 81.

E, então, interrogamo-nos: “O que mais importa? O indivíduo ou a sociedade? O interesse individual ou o desiderato coletivo? Depende do contexto cultural. Para uns, como no americano, satisfaz o grupo que é bem sucedido individualmente, para outros contextos, como o africano, o sujeito vive em função do grupo, sobretudo pelo que o grupo lhe pode dar em retorno. Mas, no contexto da ficção e das novelas, o que mais importa é uma espécie de articulação entre os dois registos, num contexto de mediatismo, de espetáculo... Como se, *ab conditio*, o sujeito fosse actor (social) e só fosse feliz se o grupo o for também...E a vida humana não tem muito mais por explorar, por que saber, é só isto, esta dualidade, nem biologia, nem computadores, nem astronomia...a vida deste mundo só tem que ver com isto, uma relação “bicuda” entre liberdade e libertinagem...

# 82.

No fundo, a minha apreciação acadêmica e epistemológica é a seguinte: isto do jetset é tudo gente burra e a academia está calada quanto à vida social, enquanto eu estou no meio algo esquecido. Eles não têm a sensação do ridículo, sobretudo os acadêmicos, porque os outros são mesmo assim, burros, popularuchos. É, de um lado e do outro, um verbo de encher, quando a igreja continua na mesma, pouco sábia, pouco atenta ao mundo...

# 74.

Apenas uma espécie de intróito para aquilo que não sei se vou abordar e desenvolver. O meu irmão, o facto de me estar sempre a dar na cabeça. A minha irmã, que diz que gosto de me armar em vítima todo o tempo. A inquietação dentro de casa, quando não vejo nenhuma utilidade em sair, a propósito de coisa nenhuma, de sair para sair. A pressão para ser positivo, que é sempre falsa. Muita outra coisa e aqueles que me chateiam, ora porque têm de ganhar a vida e que tenho eu a ver com isso quando procuro fazer uma certa literatura, dar valor a coisas brutas, no fundo, dar pérolas a porcos.

# 75.

Antenor já tinha medo de ir a Riachos, o velho podia puxar da caçadeira e dar cabo dele. Telefonar ao cunhado, Stromp, mas nada. Era estranho notar como o velhote Singa falava mais com o cunhado do que com o filho, a propósito de património e tudo o mais. Parecia que Antenor não contava para nada. E os irmãos não lhe davam apoio, antes o punham abaixo. Sobre a tese e a carreira de escritor, nada, nem um incentivo, uma palavra, uma menção. Mas com os outros era assim também, parecia que se estava a esforçar no escuro do vazio para nada.

# 76.

Nesses dias, no meio da minha tentativa de calma e no desespero, tinha a noção de ser melhor autor do que muitos escritores que andam para aí, do que principalmente qualquer antropólogo e filósofo das diversas universidades que tinha frequentado. No entanto, as coisas não aconteciam e eu não sabia fazer para ver reconhecida a minha actividade criativa. A mim, em Moscat, não me diziam nada, até me admiravam, gostava dos velhotes. Mas isso, para mim não chegava, não é que quisesse uma mulher designada pela junta, mas o que é certo é que a minha fama não se comparava com o proveito. EU sabia estar por Lisboa, mas mesmo Lisboa me era estranha, por ser moura e insensível, descarnada, cruel. Tinha vontade de sair, de me mudar, de ir para outro lugar, mas não o fazia porque sabia que teria de recomeçar tudo de novo, mesmo noutra lugar. E ia aguentando a injustiça sem uma palavra da APA e da SPF....

# 77.

Ora, o espírito obsessional é útil. Há uma luta pela normalidade, ah eu sou mais normal do que tu, tu és doente, deficiente, que revela o maior tabu de todos, o das doenças mentais, tipo escapa e foge, é perigoso e doente pensar, enquanto um se ri do outro lado da rua, o outro está a chorar, um actor diz que a vida não tem sentido e eu digo-lhe a vida tem o sentido que tu lhe dás, és responsável pela tua vida enquanto estás, como bom actor de Hollywood, mais preocupado com o que os outros pensam e fazem do que com isso a partir de ti mesmo. Ele ri-se e vai-se embora, tal como Frosques em Riachos, ri-se como uma hiena, nunca sabemos ao certo qual a piada que ele achou graça...

# 78.

Se eu, sendo antropólogo, me sinto abandonado, esquecido, discriminado até, não hei-de recorrer aos meus pares? Será que eles são meus pares quando foram eles que me votaram ao esquecimento? Acaso deixei de ser antropólogo? Mais, estudei filosofia e a filosofia em Portugal não reconhece nenhum tipo de solidariedade de classe, quanto mais a antropologia. Deveria recorrer aos sociólogos, quando muito o fingem ser sendo que estas profissões têm algum prestígio mas quando cabe alguma lei ou algum problema acabam por os abandonar, em nome da lei, do poder, dos guettos, dos interesses. Sim, porque há guetos na universidade, pior, a universidade é um gueto, esta descolada da sociedade. Há uma figuras, eternas múmias e nada muda, essencialmente para os jovens, que também não levam a sua profissão muito a sério, pois dedicam-se ao hip hop e às canções, fumando erva e derivados. Não há sentido de missão e isso é mais do que triste, é pobre, fraco e dá má ideia do país. Muito mais triste: as pessoas, como noutros campos da vida, têm de desistir para que aconteça alguma coisa...

# 79.

Mas...resta-me o registo e a mágoa de ter sido chutado para fora do sistema académico? Ou vou lutar por estar entre a vida de cá fora e a academia, que é o meu lugar? Falar é fácil, dar aulas também, mas há problemas mais difíceis para resolver na sociedade. E eu, modéstia à parte, tenho resolvido alguns... E, nisto tudo, na minha luta, não é que tenho razão? Continuo a fazer filosofia e antropologia, até sociologia e eles nada, contratam italianos, e para mim nada, nenhuma bolsa, por isso é que eu os vou esquecendo, como eles me esqueceram a mim, mas sei o que sou, sei do caminho percorrido, nada...nenhuma apoio fora daquele gueto, daquele clube de tristes pensadores que é o ISCTE, a Católica e até a Clássica, nos ramos de pensamento da antropologia e da filosofia...

# 80.

“Onde está o amor”? Dizia o outro, um cantor popular e também os Black Eyed Peas. LOL A Adoração que lhes dávamos, como se fossem uma espécie de sacerdotes de uma religião, mais doentia ainda, de uma seita messiânica ou sei lá o quê...

Tenho muita coisa entalada na garganta e, a pouco e pouco (ou pouco a pouco?) vai saindo tudo, com tranquilidade, como diz o outro. Mas não me chateio muito, não pretendo dar aulas nesses sítios (agora, depois de tudo, mais sacrifícios), prefiro vê-los à distância na sua inutilidade face ao mundo de que são reféns, afinal. Prefiro estar entre uns e outros, ao menos eu digo a que vou.

# 81.

Posso muito bem escrever artigos, escrever romances, tirar notas mais ou menos filosóficas, antropológicas, mas não há amparo nem cafuné, tenho estado nisto tudo sozinho e nem uma palavra deles, os das faculdades, os das revistas, na verdade isto é uma coisa de David e Golias...Isto, esta situação, a minha luta no fundo da solidão. Razão para dizer, a partir do que nos chega pela TV, “a merda é sempre a mesma, as moscas também”. Sortilégios de um país triste, adiado, ainda que com belo sol, boa comida, dependente do turismo, e que despreza a agricultura, quando ainda nem sequer fez uma revolução industrial...

# 82.

Esta sociedade, quanto mais a americana, é a sociedade do sabão, ensaboadas a uns e outros, para uns e para outros, de um lado para o outro, para cima e para baixo, para dentro e para fora. E estranha-se quem trabalha, pois grassa o Chico-espertismo, quando elas são na maior parte das relações, autênticas prostitutas, em nome da academia que tudo tolera, tudo explica, para que se sintam os meninos, os bebês, suficientemente confortáveis...

E a bandeira, que estava do outro lado da rua, tinha alguma culpa? Há um par de anos eu tinha uma igual no parapeito da minha janela...Era o campeonato da Europa de futebol...

Eu estava numa situação análoga à do Victor, que fora para o outro mundo há cinco anos, ou seja, não me sentia de todo bem em Lisboa, não tinha amigos, e os meus pais não me queriam em Riachos, sobretudo o meu pai, que estava sempre a implicar comigo. Mas deixava-me estar em Lisboa até que ficasse de todo cansado, para ir descansar a Riachos. Era capaz de estar mais de duas semanas sem falar com ninguém a não ser o senhor do supermercado, as moças do Minipreço, de modo que não mantinha uma conversa com ninguém. Pela internet não conseguia encontrar apoio algum, a minha situação não era psiquiátrica, ou talvez fosse, não sabia, mas eu estava conseguindo domar a besta da doença através do meu esforço, fé, perseverança...

# 83.

Depois da tormenta, consegui chegar a alguma paz. Comprei o jornal no aeroporto, o Público. Liguei à velhota e ela disse-me para não ir, que o pai está a ferver. Preocupo-me com o que tenho e o que não tenho não me faz falta, ou faz, mas procuro não ser pedinchão a esse respeito. O velhote está em pulgas e tomara eu não estar assim, tão quezilento e irado, sem razão, quando tiver a idade dele. Alguém devia falar com ele, chamá-lo à atenção. Mas talvez seja melhor não fazer nada. Podia ser Manu, que aceita o que ele diz, mas dá-me ideia que ele só quer um escape na obra que anda a fazer e ficar só, a remoer, a fazer escapar esse ardor e ódio que tem, entre certas coisas, do filho. Eu já senti o mesmo que ele sente e cheguei a pacificar-me. Por isso me mantenho calmo e vou vivendo...

# 84.

O homem não é o centro da actividade filosófica, logo, nunca poderia, jamais poderia haver, uma filosofia social antropológica, que teria também o concurso da sociologia. Haverá sim, sempre, a minha obra o atesta, uma antropologia social filosófica.

\* \* \*

A mãe ligou e disse para eu ficar por Lisboa. Era este o drama do Vítor, não aguentava a impessoalidade de Lisboa, mesmo tendo casa em Benfica.

# 85.

Então, a coisa começou a mudar, porque eu fiz alguma coisa. Se tivesse resolvido há dois anos ser feliz e trabalhar para isso, não sem espinhos pelo caminho, voltaria a ser feliz nestes tempos em que tinha todas as condições para tal. Depois, explorava a *Loeb Classical Lybrary*. Não tinha noção de onde estava, mas estava no mesmo lugar, cria. Retirei alguns cadernos do esconderijo, os melhores. Não me apetecia sair à rua, não tinha encontro marcado com ninguém. Nem era um bicho como muitos que andava por ali, naquelas ruas em que é raro encontrar um escritor com quem fazer diatribe. O registo da minha actividade na Clássica fora apagado, em troca do saldo da dívida das propinas, mesmo tendo ido apenas a um seminário, é certo que terei lá deixado uma assinatura de presença e eles pegaram nisso. Porém, a dívida continuava por saldar no site das finanças, embora isso fosse pishing, uma fraude. Não tinha presa alguma e o meu espírito serenou. Fumava menos, bebia menos. A ideia de ir para a América, desse por onde desse, dissipou-se e eu fui sentindo paz e felicidade, e a ordem clara da minha mãe para que eu fizesse em Lisboa. Ia repetir o erro de Vítor? Tinha de me aguentar as coisas e eu sinto-me feliz em fazer as coisas obrigado..

# 86.

Por vezes, talvez a maior parte das vezes, é pela dor que entendemos, que nos entendemos, a dor de perder alguém, a dor muscular, a hérnia, a dor psiquiátrica, que fere o equilíbrio entre a mente e o corpo. Não quer dizer que somos masoquistas. Podemos alguma vez deixar de pensar? Em certo ponto, o homem pensa e reflecte, sobre a sua acção, até sobre os próprios pensamentos, benfazejos ou malfazejos e usamos truques que vêm com a idade, o que nos ajuda a levar uma vida mais sábia, calma, equilibrada, mantendo o foco na saúde, essencialmente a psíquica, que o mundo está ferido, talvez sim talvez não, de morte. Portanto, ela é certa. Então, porque não vivermos e levarmos o tempo debaixo do braço? (Enquanto escrevo este livro, tomo notas em *Verdades Amargas da Filosofia*, ou seja, dois livros ao mesmo tempo, como num piano, a duas mãos, claro).

# 87.

Na verdade, era motivo para perguntar “onde está o amor”. A musa não dissera mais nada e eu andava às turras com os habitantes de Moscat na rua e online. Acusava-os de serem bichos e eles mandavam-me bocas na rua, insultavam-me, riam-se, troçava. Eu tinha razão, não havia nenhum espírito de comunidade em Moscat, senão já tinha, obviamente, travado conhecimento com uma miúda. O comunitarismo era de recurso, de joelho, de tipos atolados nos cafés falando disto e daquilo e bebendo. Estupidez humana. Vais convencer um estúpido, que nada fez na vida, sobretudo não estudou, a ser como tu? Não vale apenas. Bacoco esse sentimento de cosmopolitanismo que não passa pela referência literária, apenas tem em conta o vapor e a maldade moura...

# 88.

Mas o culpado de tudo isto, talvez de grande parte dos meus problemas, não é o meu pai, que esse não se mete na vida de ninguém. Os culpados talvez tivessem sido os meus professores do ISCTE, quando há muito tempo me desautorizaram. Mas eu vou esquecendo isso e não dou importância nem aos da NOVA, nem aos da Clássica, quanto mais aos da Católica. País de desequilíbrios e doenças mentais profundas, como se fosse necessário pedir autorização a toda a gente para existir, para levar uma vida normal. Por isso, ando desamparado, tentando encontrar o amor e só me aparecem velhas. E velhas só a minha mãe.

# 89.

O desconfinamento parou e ainda se vê muita gente a circular na rua, ainda que com máscara, quando deveriam estar em casa. Moscat é o exemplo mais acabado disso, tal como Arroios. Ninguém liga, se contagia ou é contagiado, basta sentar-se numa esplanada e logo se retira a máscara. Como a fumar, é igual. É que o número de casos aumentou, o vírus está alastrando de novo e as pessoas não parecem estar preocupadas, acho que deveriam de estar em casa. Por isso, fui deixando de importar, as pessoas eram estúpidas na sua grande parte, talvez fosse eu também um pouco estúpido, mas não era burro, percebia o que se estava a acontecer e percebia a situação em que estava. Perfeitamente. Por isso, retirava algum prazer do tempo de vagar, lia o meu jornal e via o meu jogo de futebol...sem grande vontade de sair, pois ainda estávamos em confinamento e eu não tinha ainda apanhado o vírus e nem sequer tomado a vacina...

# 90.

Não havia percebido nenhum sinal do Presidente da Junta, ou alguma tipo de solidariedade que eu tinha para com os mais fracos, muitas das vezes dando esmola quando precisava do dinheiro para mim. E queres comparar um antropólogo a um presidente da junta? Ou mesmo, a um presidente da Câmara? Da cidade de Lisboa? Mas, eu não era, acima de tudo, um antropólogo qualquer, era um antropólogo discriminado por não ter apoio académico, esse conforto que até nos permite dar quecas corruptas. Sim, José Cardoso Pires tinha razão, eu não era um corruptor, eu farejava a corrupção de olhos abertos...E o amor? Onde parava? Esse lugar de refúgio senti-mental?

# 91.

Onde está o amor? A minha mãe e a minha irmã empurravam-me para Lisboa era agreste para mim, um deserto, estava sempre a tirar nabos da púcara e na prática pouco ganhava com isso. Prestígio social? Mediático? Continuava só. Daí não perceber, como o Victor, o que estava ali a fazer... Gente muda, convencida, massa amorfa sem um pingó de simpatia, empatia ou solidariedade, mas nem todos, por isso eu fixava-me nesses exemplos e ouvia a Smooth FM, lembrando-me da bondade do Professor Mário Simmons...

# 92.

O escritor era um delator? Um corruptor? Um construtor? Acredito mais na última hipótese...As pessoas têm mais medo de quem estuda do que de quem trabalha. Porque saber é poder...

Não, não encontrei o amor, pelo menos até agora, mas não lhe fecho as portas, muito para além deste livro. É o que me mantém vivo. Decidi ir a uma consulta de psiquiatria na estalagem da Saúde, o mundo, pelo menos este, não me faz sentido. Ou sou eu que sou religioso, bondoso demais. Ou me cansei de ser sacana, cansei-me de esperar por quem não vem. A musa nada diz e falo com outra que tem a cara partida por ter levado porrada do marido.

# 93.

Os vendedores ambulantes do Oriente, a moça ucraniana das pipocas, os monhés, estavam comigo nesta espécie de resistência neste território que se tornara um antro de putas e corruptos. Chamavam-lhe Lisboa tolerante, como Amsterdão, mas a mim faziam-se confusão, até certo ponto, obviamente, pois eu tinha a capacidade de me localizar culturalmente. Ao menos nem tudo era como o Intendente ou o Técnico, a maior parte o que faziam fazia-o em casas, em habitações. Eu deixara-me disso. Procurava o amor...

# 94.

*O Público*. Um jornal sem brilho, sem chama. Compraria no dia seguinte o *Diário de Notícias*? A vida não é arte, um golpe de génio, a vida é biologia, antropologia, vegetação.

# 95.

Chegarás lá se não estiveres constantemente preocupado em capitalizar. Uma mente brilhante, num lugar que não lhe diz nada, Riachos e Lisboa. Luta pela atenção da mãe quando esta o despreza. O pai é um burro, como há muitos por aí, que vê o filho abrir horizontes e ser alguém e nada lhe diz. Uma comunidade antropológica que o abandonou. Uma comunidade filosófica que não existe.

Quando dou para a tristeza e o pessimismo, não há quem me bata. Só depois disso fico feliz e alegre. Chama-se a isto masoquismo. Deixei de esperar muita coisa, talvez por isso vá, siga, sendo feliz. O computador fica ligado toda a noite. Mas eu não tenho a mesma inspiração de antes. Ninguém aguentaria ficar tanto tempo com vontade e habilidade de escrever. A noite entra na minha frente e eu evito sentir-me só, vou falando comigo mesmo para não dizer a mim mesmo que isto é uma tragédia. A música mais ou menos pop corta a noite enquanto tento fazer-me à cama. Frequentemente vem-me à ideia memórias d Espanha., de Leire. Mas ela está tão longe, no País Basco!...

Finalmente, a OCD funciona como tampão das emoções num sujeito racionalista. Pouco depois de me levantar vou ao café comprar tabaco, *en passant* o tipo da mercearia chama de "roto", uma vez e mais duas vezes no regresso. Deve estar a transferir as suas frustrações sexuais homo para mim...coitado!... Como ele há muitos. Pode ser que tenham sido as vozes, que tenha ouvido mal, pode ser que não respondo logo à primeira a uma ofensa, por isso vou dar uma certa tolerância e, se ouvir de novo, digo-lhe alguma coisa. A dona da mercearia que ele tem é que começou a chamar-se isso há algum tempo para cá. O povo português é, assim,

submisso, prefere tratar-se mal um ao outro do que desafiar os ricos e poderosos, porque está habituado a obedecer. Depois de tanto tempo, ainda na aldeia, ainda recebo insultos. Gente intratável e burra. Quanto mais sobes quanto mais te puxam para baixo, quanto mais inveja têm de ti.

E eu virada a cara ao mau humor do meu pai, que parecia estar sempre tenso e pronto para discutir. Em vez de o enfrentar, eu evitava-o. Também a minha mãe me tratava mal, sempre reprimindo, incapaz de arrancar uma palavra de apoio, enquanto a minha irmã era igual, tinha a mania que era boa no conhecimento de engenheiro, arquitectos e advogados, um certa ideia tecnocrática de sociedade a que o Vitor sempre escapou, sentia falta dele, de falar com ele. Nem todos têm de constituir família, ter filhos, mesmo que sejam bi ou gays. Eu não sinto essa pressão, embora viva um pouco incomodado com isso, pois as pessoas respeitar-te-iam mais, logo, fazes isso para agradar ao outros ou apenas para fazer ver, não és feliz na tua individualidade. A verdade é que eu ainda gostava do Miguel, não fisicamente, gostava do carácter dele, sua maneira de falar. Fora meu professor e eu também o insultara, em tempos, mas percebi que, através dele, levamos muita ripada nesta vida e sempre nos recompomos, quase sempre. E nem todos têm a consciência dos seus erros, eis a nossa vantagem face a eles...

Sim, talvez eu esteja alimentando toda uma certa situação. Talvez seja tempo de mudar. Ainda mais.

Farto de viver? Pelo que não acontece? Faz acontecer, para que não fiques para sempre escondido, esquecido. Aborda o assunto. As minhas pequenas percepções fazem-me ver o quanto somos pequenos e o quanto a vida é fugaz...

# 96.

O que é que te faz estar triste? O facto de não haver movimento, de ninguém te dar atenção? As coisas não têm corrido bem, até o teu estado de saúde. Mas persistes com esperança, vislumbrando qualquer coisa que te distraia.

Não me atrapalho. Tento não colocar culpas de uma situação aos outros. Cada um faz a cama onde se deita. Deixo o que podia ser e vivo o que é. Está tudo nas tuas mãos. O tempo passa. É tudo uma ilusão.

Enquanto esquizofrenico, a representação social fica comprometida? Não, se lutares. Sempre. É a mais sentida e dolorosa das solidões, a do lutador. Mas há uma recompensa: o respeito dos outros e a oportunidade de continuar, conseguindo momentos de lucidez e gozo extático de fazer parte do mundo dos homens. E tanto, tanta outra coisa!

Quando estava triste, nos imensos momentos mortos em Riachos, quando apenas víamos TV, sem que alguém me dissesse alguma coisa, pensava no alcance das coisas que tinha feito. E, de certo modo isso, por um lado, tinha valor em Lisboa, mas por outro não, por não ser absolutamente singular. Depois, descobri que me fazia bem falar com a minha mãe, tendo de escolher as palavras certas. É claro que a doença do sujeito também é doença do social, para além de ambiental, do ecossistema humano. EU sinto isso, sobretudo porque não posso ser mais solícito para as pessoas do que tenho sido. Ao mesmo tempo, habituo-me a não ser pessimista e a realizar que muitos gostariam de estar na minha posição. Mas não nego que tenho problemas, mas estar em dois registos diferentes não é fácil.

O mundo, para bem e para mal, complicou-se e para os mais pequenos porque se mediatizou, essa complexidade está inflamada, de modo que eles são mais virtuais do que reais, são mais ficcionais do que reais, a realidade é finalmente solidão e virtualidade, ficção, por fim. O fim não é o fim em si mesmo, o fim é o meio, num reino da metodologia. A solidão é o contraponto da representação social dos arquétipos do Eu. O maior luxo é que todos podemos ser cientistas sociais e o cientista social torna-se poeta, escritor...

Depois, peguei no livrinho de Leonid Petrescu, "A Fadiga"...

Sim, fico pensando nos sacanas dos meus ex-professores e ex-colegas, que nunca mais, desde há anos, me disseram uma palavra. Devem estar absortos nos livros e embevecidos consigo mesmos ou com o Outro. O *doutoramento Honoris Causa* não seria de todo despropositado... Depois, o da filosofia, que ainda são piores, mais invejosos ainda. Digo isto se desvelo algum, porque sou livre de o dizer e não conto trabalhar de novo com tal gente.

Sim, para procurar o amor tinha de ir a festas, colóquios, provavelmente em Lisboa, onde a ausência de automóvel era compensada com o metro. Sim, porque estava farto de sonhar e sentir, agora queria algo de mais palpável, arriscado, compensatório. Mas bom, o caminho aparecia claro nesse fim de semana em Riachos: constituiria-me como investigador independente e daria asas ao meu livre-espírito. Deixaria de estar preso a uma faculdade (e aí resolvia o dilema do conflito das faculdades) e deixaria de me obrigar a dar aulas. Mas, até aos 60, 65, podia ainda fazer muita coisa, mesmo sem carro e namorada. Afinal, para mim, o mundo é um livro aberto...

# 97.

Naquele tempo, eu ainda procurava trabalho, algo digno para mim, porque se fosse para trabalhar numa mercearia ou num talho, preferia estar fazendo o que sempre fiz, pensar e escrever. Dar aulas? Porque não, dali a mais um tempo, mas não tinha assim tanta vontade, pois sei que me obrigariam a uma linha teórica e metodológica, quando eu fazia as minhas "cá fora", no mundo cão e fértil. Mas, eu sabia que sempre estivera mais perto do académico, roçando uma certa iluminação metafísica, do que da literatura absolutamente vulgar de alguns autores conhecidos da nossa praça.

A antropologia no ISCTE estava em baixo. Bastava passar os olhos pelo site do CRIA. Nunca a antropologia fora tão efusiva como quando eu passara por lá. Agora, apenas aparecia de quando em vez o Miguel Vale de Almeida e na qualidade de activista e analista político... Quanto à FCSH nem se fala...

Agora eu, depois do que tenho passado, do esquecimento a que tenho sido vontade, tenho de continuar a ceder, a compreender? A que preço? Eu nem apto para um concurso estou, sem saber quando vou discutir a tese, eu escrevo para ocupar o tempo e principalmente porque não tenho companhia com quem falar de certos assuntos, de modo que a escrita é para mim, ao mesmo tempo que uma missão, uma terapia. A maior parte das pessoas que tenho conhecimento, incluindo os intelectuais, vivem agarrados a duas, três ideias de senso-comum e não conseguem partir para outros campos, o metafísico, o sobrenatural, o mágico. Fugir dessas ideias ou anulá-las atrapalha-as, fazer sentirem-se perdidas, pois são incapazes de habitar diferentes instâncias da mente e da relação corpo-mente. Elas

seguem padrões essencialmente repetitivos, reiterativos de lógicas que herdaram, dos seus ou dos outros, na infância, na adolescência. Mas é assim, nem todos nasceram com os mesmos dotes. De algum modo, essas pessoas faziam mais parte, enquanto as outras se arriscam a bater num acidente de carro ou a enlouquecerem, matar, serem mortas, matarem-se. Por nem a um só sujeito cabe conhecer tudo no tempo da vida, mas alguns há que vão ao âmago das coisas em poucos segundos e de lá saem em outros poucos segundos. Para chegar ao verdadeiro conhecimento, tem de se conhecer a dor, amestrá-la e domá-la para que não se volta contra nós e os nossos. Superado esse campo, poderemos aceder a algo construído, definitivo, genuíno e puro.

MAS pronto, continuo sozinho, eis a solidão no meu campo. Se continuarei inspirado ou não, eu mesmo não o sei.

# 98.

Na volta, antes de partir, mais um insulto do meu pai. Ele queria que eu tivesse um alto emprego, alta mulher, alto carro. Mas eu, por contingências que não me cabe a mim por inteiro, não fui isso, não consegui isso. Espero pelo comboio em Fátima. Deixo trabalho preparado, ainda assim, em Riachos, Da Eminência do Olhar, mais poesia. Preparo em Lisboa *Prosa Selecta*, enquanto acabo esta *Demanda Infinita* e escrevo à mão *In-cidente Diploma-mático*.

# 99.

Chego a Lisboa e, num instante, sinto-me só. Não creio que vá encontrar o amor nesta novela, a não ser que pare a digitação, a redacção, e espera por ainda o encontrar nas ruas de Lisboa, nas avenidas da Web. “A vida não é assim, não é assim que se leva a vida”-farto de receber conselhos. Cada um escolhe como deve levar a vida e a não ser que peça conselho, leva-a como querem. Ainda assim, muitos andam à deriva. Muitos, por outro lado, têm a tentação do centro, melhor, da centralidade, que o comportamento normal implica, reiterando comportamentos ortodoxos face a uns e a outros e vangloriando-se disso. A América sofre disto. Portugal também. A maioria das mulheres são machistas, provocam os homens e quase que os obrigam psicologicamente a ter um comportamento machista, para se oporem como contrapoder ao mundo masculino dilacerado de tanta culpa...

# 100.

Deixei de tornar o estranho familiar e o familiar estranho. Não estava a dar resultado, pelo que procurava o familiar para me sentir bem com ele. Os dias passavam e eu não encontrava o amor. Deveria desistir? Procurar mais afincadamente? Tudo teria que ver com a realidade social em que estava imerso? Acreditava que muitos colocassem obstáculo para eu suceder. Estranhas coisas passavam-se ao aceder sites de encontros. Não tinha sorte? Teria que ver com isso? Não teria antes uma horda bastante de inimigos, desde os vizinhos à polícia? Porém, procurava não me preocupar com isso. E não estava a delirar nem era mania da perseguição. Eu podia muito bem estar sendo monitorizado informaticamente, pois não tinha dinheiro para defesas na internet...

# 101.

Depois, pensei que seria bom abandonar tudo, ir para outro país, pois aqui ficaria esquecido para sempre, pois mais que fizesse para não o ser, porque eu esforçava-me, mas talvez não fosse de encontro ao que as pessoas quisesse e tinha um sentido em mim agudo da contingência, talvez por isso não me armasse aos cucos como os outros. Ainda assim, não tinha o que outros tinham, mulher, emprego, dinheiro. Mas tinha outras coisas, tinha-me a mim, a minha prosa, a minha ciência, ainda que avançasse só a todo o momento e como custava!...

E o ucraniano ficou feliz por me ter insultado na língua dele nesta ponta ocidental da Europa onde cheira a América.

# 102.

Nesses dias, já de verão, o cantor Tony Carreira teve um enfarte do miocárdio. Eu sentira, nos dias anteriores, por duas vezes, como que uma pontada deslizando no interior do meu cérebro, de um lado e do outro. Jurava fumar menos, preocupar-me menos, mas mesmo assim ainda tinha desejo dentro de mim. A musa voltou a ligar. Combinámos encontro depois desta febre do Covid-19, uma quarta vaga que fazia Lisboa andar para trás no desconfinamento. Sim, ainda sentia desejo, não tão forte, mas talvez mais importante de nunca...E lá estava, Riachos na minha memória e nos dias de Lisboa. A França tentou-me novamente, mas creio que não fosse fazer lá nada senão arranjar chatices e ainda que isolado, deixava-me estar em Lisboa...

# 103.

A SportTV transmitia um jogo de Espanha. Fizera uma subscrição desses canais desportivos para ver o EURO e os Jogos Olímpicos, não que tivesse especial conforto económico. Podia andar pela cidade, falando com este e com aquele, até a Internet não funcionava no melhor dos meus três computadores. Mas bem. No momento, a Espanha marcava o quinto golo à Eslováquia e Portugal jogaria com a França dali a um par de horas. Sem cerveja, bebia água. O meu alcoolismo quase acabara com tudo e eu estava tentando consertar a situação, não entrando em pânico, tendo paciência comigo mesmo, com meus vaipes e miasmas. Depois fiquei olhando para a minha vida vazia e para a minha obra cheia, mas sem leitores. Que eu soubesse, porque muitos poderiam querer espiolhar, saber o que pensaria nesses tempos quando eu era bastante franco para com o papel em branco. Sim, podia ter uma vida diferente e talvez a obra fosse um flop, um fiasco, mas eu não acreditava nisso, cria que um dia teria um sucesso relativo que me daria inspiração para voltar e continuar a escrever...

# 104.

Mesmo injustiçado, só, abandonado, continuaria a escrever, até que me ouvissem, até que dessem conta da importância da minha obra, sua profundidade e originalidade, a científica, a poética, a literária e filosófica. Afinal, eu quase me anulei fisicamente, quase deixei de viver para deixar essa obra. E isso, eu sabia, teria algum valor e cabimento neste país. Por isso, deixei de ser eu próprio a controlar a minha mente e desatei amarras, compraria o passe e andaria louco pela cidade à procura de um amor que encontrei, por vezes, na esquina da vida e que perdi, fui perdendo, como sangue e ar que se perdem...

# 105.

As circunstâncias apertavam. Não conseguia arranjar mulher para viver comigo, quanto mais para fazer amor. As pessoas não diziam diretamente porque receavam a minha autoridade granjeada a muito custo, o meu prestígio e eu, por vezes, sorria para com o mau maior inimigo. A Musa voltou a ligar. Ainda assim, tinha de apanhar com o tom aziago e por vezes agressivo e ameaçador da minha irmã e do meu irmão, que me ajudava em toda esta empresa, eu que me preocupava ainda com a antropologia e filosofia das coisas e nada conseguia nesse domínio senão indiferença. Neste país, estão todos a borrifar-se uns para os outros, são todos uns fenómenos e quando a coisa corre mal, é pouco ética, refugiam-se na lei, num ou noutro advogado para defender os seus disparates. Não têm a vontade de viver e a consciência da finitude que eu tenho. Terei suplantado qualquer escritor português e ainda assim continuo só, sujeito aos meus vaipes de boa disposição, ao sortilégio da minha solidão. Irónico, bastante irónico.

# 106.

Desafio, *ipsis verbis*, a um qualquer escritor a provar que é melhor do que eu. Não tenho vendas nem leitores? Tenho alguns. Desafio qualquer antropólogo para uma qualquer diatribe, com a minha Antropologia Filosófica. Desafio qualquer filósofo no terreno alheio a mim, a provar quem é melhor filósofo, quem tem melhor obra. E tudo isto sem a ajuda da academia, a correr por fora, na pista nove, batendo o recorde mundial...Se isto não chega, tenho a minha solidão, a solidão do escritor, do tipo que não se limita a ficar rançoso no canto, mas sai, evolui, sai a jogo, e faz o melhor de si mesmo, porque os outros o abandonaram, e não é canção de coitadinho, é a realidade, num país superficial, que não se questiona, que vive à pressa, levado por questiúnculas que nem ao menino Jesus interessam...Enquanto as grandes questões ficam ainda comigo, quando todos procuram o fio do tempo, com mulheres e corrupção, com ilegalidade, para se estatelarem mais à frente em nome de qualquer coisa a que não admitiam uma pausa, uma reflexão, um recuo...

# 107.

Também eu era igual aos outros, num mundo desigual em que parecemos salmões tentando proliferar contra a corrente, uns a favor dela estatelando-se vitorioso mais à frente, outros contra a corrente, quiçá com vitórias mais significativas e menos mediáticas. O meio tornou-se o fim, nesta sociedade, na portuguesa e essencialmente na espanhola, francês, inglesa e americana, não esquecendo a sueca e norueguesa. Somos do atlântico, vogamos com força e o nosso espírito inquieto de transformação do mundo, nunca descansa, mesmo no sono, mesmo com desafios ao que chamava em tempos de eticidade das relações, a ética da cidade. Quando pomos o acento em nós mesmos é por reflexo da sociedade, quando pomos o assento nas relações, mais do que nas estâncias (do Ser), somos igualmente felizes, articulando dinâmica com ressentimento, que é uma forma que o ser humano tem de gerir as emoções.

# 108.

A avaliar pela situação cinematográfica americana, até a sul americana, a chica gosta é do *bad guy* e a direcção de programas da TV portuguesa promove isso, implicando grandes manipulações da mente das pessoas, que fazem tudo para conseguir sexo, afecto, representação social ou apenas darem azo à sua maluquice respectiva. Depois, fui pensando na ilusão da centralidade, melhor, era uma obsessão essa centralidade, no que diz respeito ao comportamento do corpo biopolítico, ou seja, a articulação entre o ser e o parecer, mais o pertencer, como já defendera na minha tese, não é o que fazes que conta, mas como o fazes...

# 109.

Depois, pensei: tomo partido dos outros e depois ainda tenho de ir às putas. Nenhuma se assume. O Colinas tinha razão quando eu era burro. Mais uma vez, a tentação da centralidade, da fama, que lixa muito gajo. E gaja. Elas sobem na escala social para conquistar os melhores, eles são assim também. E até os filósofos têm essa mentalidade entranhada, para não falar dos sociólogos e antropólogos. Querem todos a sua quinta, diga-se a verdade ouvindo Pedro Abrunhosa, para se poderem recrear no seu espaço *playground*. No fundo, são meninos. Como os americanos. E os russos são um pouco assim, também. É só força. Não há estilo e os italianos ficam malucos no fim. Toda a gente quer ganhar, olha os salmões. Eu sou um salmão, vou contra a corrente, não me serve um emprego qualquer, por isso estou no ócio de escrever, teses e outros textos, esperando, semeando, investindo no futuro...

# 110.

Nem sei se Musa há-de vir. Nem sei se existo. Mas ainda estou aqui. Sem defender a tese. Sem chegar aos cem livros, entretido na teoria de um volume catorze dos meus *escritos à mão*. O desconfinamento foi ao ar e os políticos, nomeadamente o Costa, são culpados.

As minhas guerrinhas não interessam ao leitor. Que iria, de resto, lucrar com isso? Não fiz já obra constante, sujeita a admissão pública de provas e a concursos para o efeito? Nada mais me diz responsabilidade, pois não sou pai de todos.

# 111.

Portugal travou o desconfianamento. Não aguentam, estes tipos. Não aguentam sem beber, sem socializar, sem foder. Por isso é que eu gosto deles. Porque a foda é o caminho. Nem um antropólogo diria melhor. E de ouvir tanta merda na TV e na rádio, ainda não recebi nenhuma vacina nem apanhei o vírus. E sou um tipo sociável!...

# 112.

O meu pai queria que eu tivesse sido engenheiro ou arquitecto. EU sei. E ficasse por lá. Mas não foi a minha escolha. Nem sempre a representação social das profissões é a mais certa. Ainda bem que sou antropólogo; estou mais feliz, mais perto do que é ser homem, humano. Vocês a foder e eu vou às putas. Isso é que é falta de ética. E eu não sou um Chico-esperto. Ou, se calhar, aquelas que vocês foderam eram putas também...

# 113.

Pois, passava *self-control*, referenciado ao meu mano, tida por um como um exemplar de racionalização dos conceitos e operacionalização da acção volitiva, evolutiva. Mas, tudo bem, eu espero. Pode ser que qualquer dia venha a América e a Rússia juntas, que é onde estou, o momento, o sentimento, o perder e o ganhar, o ter de perder porque já não se é novo, o ter experiência e tacitez para experar morder, não repetindo os mesmos lugares, os mesmo rituais que te conduziram ao NADA de onde dificilmente alguém vem, ainda assim Heidegger tinha cátedra e podia dar-se ao luxo. Ou à coragem, pois é fácil ser-se valente quando se é cobarde e ressaibiado. Ainda assim, vale a pena...

# 114.

América? Só se me convidarem. Ainda assim, que não seja para uma coisa insignificante, como a marca numa sanita em Hollywood... Sei bem onde estou e o terreno que piso... Mesmo que a lealdade e justiça sejam coisas adiadas e tenha mais inimigos do que amigos. Na realidade, o único que tinha já se foi para outro lado. Os meus desejos mais selvagens, mais amplos? Não se equivalem aos do comum americano, que são bem mais doentios, a avaliar pela cinematografia, isto no geral, e ainda ressaltando o contexto social, cultural. Essa obsessão da centralidade assenta na desconfiança da transcendência, numa verdadeira falta de fé, numa espécie de vingança contra o género humano ainda em vida, o que esconde um desequilíbrio entre a concepção materialista, ateia, do mundo, e uma concepção racionalista e teísta ainda deste mundo. Como se eu garantisse não ser excluído do jogo humano por gerar mais sangue, atrás de sangue, como se precisasse de ser um psicopata americano num filme que supera a realidade e por isso é extremamente perigoso e só interessa à polícia de investigação e aos abutres dos cientistas sociais e forenses...

# 115.

Porque o académico aceita um jogo: entrar na tribo e tudo fazer (por ela) para se manter dentro dela, ou seja, dizer as maiores parvoíces por ele mesmo ou apenas embrenhar-se justificando nos mais diversos autores, para defender o seu emprego e seu salários, as suas putas académicas, os seus interesses, onde a universidade-empresa se constitui como forma de produzir tecnocratas que são tudo menos sábios em que tudo depende de uma guinada existencial do professor que, no final de contas, apenas quer salvar a sua pele, reiterando um discurso que simultaneamente é para o mundo e ao mesmo tempo é fechado em quatro paredes, sendo, como dizia um pastor meu amigo, apenas e tão somente, verbo de encher, ou seja, o académico dedica-se à fabricação de chouriço enquanto o homem do senso comum anda desorientado, mesmo que tudo compreenda (o que lhe aparece) e dá explicação para tudo e ainda assim o mundo não pula nem avança...

# 116.

Não tenho amigos, pelo menos no sentido tradicional. Mas também não tenho inimigos, pelo menos no sentido tradicional... Saramago, Cesário Verde, Mário Viegas. Evitada vezes sem conta contar a minha história, que tinha tanto de brilhantismo como de perversidade e decadência. Mas continuava com alguns projetos, enquanto a musa nada dizia. Via uma adolescente na net de seios protuberantes e clamava por mais deste lado do ecrã. Passava por duas adolescentes quando fui comprar o almoço, de saias, o que se adivinhava por baixo daquelas vestimentas...segredos de um homem carente e desempregado, para não dizer pior, mas que tinha ainda assim o mérito de ser respeitado por todos. Talvez fosse esse o seu maior ponto de felicidade, não devia nada de especial a ninguém e continuava a espalhar boa energia...como o Pepe.

# 117.

A escrita era de certo modo um nicho da sociedade. Muitas pessoas achavam que ler era tempo perdido e andavam desenfreadas, não sabendo que procuravam tudo o que há nos livros, lembro-me da firmeza de Jason Statham e faz-me voar um pouco sobre mim mesmo e sair de uma zona de pressão, mesmo que em casa, fora dos circuitos culturais na Rua das Gaivotas, na Ler Devagar, na Gulbenkian. Não havia muito mais a descobrir e eu ia sentindo alguma paz, alguma sensação de dever cumprido, um pouco como Ronaldo e seus golos, mesmo que não tivesse trabalhado por aí além e a minha vida não fosse de todo social.

# 118.

Até que bloqueei. Saturado. Não tinha nada mais para escrever que fosse novo. Porque a minha vida também não avançava. Deixei-me então estar, estar em casa ouvindo Billie Holiday, nesses tempos de uma quarta vaga de Covid-19, em pleno verão. Mas sabia que, de uma forma ou de outra, a minha mente continuava a trabalhar, como a de minha mãe a quem telefonei depois do almoço. Mas..como precisava dos carinhos de uma mulher!... Não nego e lembrei-me daquele que poderia ter sido o grande amor da minha vida, sim, esse amor estava perdido, ficara para trás, eu não soubera jogar...

# 119.

Depois, nesses entretimentos, fiquei esperando pela chegada da musa... Depois, fiquei pensando: isto é tudo um pouco triste. Os tipos do ISCTE não quiseram mais saber de mim, quando eu era o melhor, o que aquilata definitivamente da qualidade dos tipos que lá estão. Não me arrependo de ter sugerido um doutoramento honoris causa em Antropologia à diretora do ISCTE, ex-ministra. Fui injustiçado, puseram-me na margem e divertiram-se à brava. Não é falta de ética, é maldade. Depois, na FCSH foi quase o mesmo, não tivesse eu passado lá mais tempo até do que no ISCTE. Nas Letras, foi a mesma merda, discriminação, ostracismo, quando eu dera provas de ser eleito para Doutor e até professor, depois de ter mexido com o ambiente, não só enquanto antropólogo...E ainda hoje vou remoendo estas coisas...quando talvez tivesse sido melhor ficar na Católica, quando ela mesma me esqueceu, me pôs de lado, me ex-comungou... Isto estava tudo arranjado desde 89 ou até antes, tinha de me calhar a mim sofrer, quando mesmo assim eu torcia pela selecção portuguesa... Nunca me deram nada que eu não tivesse conquistado, povo torcido, mafiosos, interesseiro, que vê a boa vontade como uma coisa ou um sentimento negativo, que pede mais fidelidade não dando nada, como uma espécie de Triângulo das Bermudas...

# 120.

Depois do seminário, do convento, comecei a ver Portugal como um país inviável, cheio de intrujões, que pregava a boa vontade e o espírito livre e não fazia nada disso. O próprio Marcelo era um embuste, e Costa uma aparência de que se fazia alguma coisa, demais, talvez, só para encher os **boys**, iludindo toda a população, gerando um sentimento de impunidade. A academia era um verbo de encher e ainda bem que os meus sobrinhos não se estatelavam nessa mentira que era o conhecimento científico em Portugal. Quem o afirma é que sempre investiu no conhecimento grande parte da sua vida e foi jogado fora do sistema. Interessa quando reproduzes e a reprodução, o discurso, dos protozoários e os das ciências sociais baixam a cueca aos do direito, que estão na sua maioria no poder...

# 121.

Eu guardava-me ao silêncio, porque tinha a vitória na mão. Para mim, escrever todos estes livros, ter feito uma tese de doutoramento e o esboço de uma de pós-doutoramento, já fora uma vitória e que se devia a mim mesmo, e a mais ninguém. Não precisei de favores dos professores do ISCTE e da NOVA, mesmo assim, optei por citá-los, ganhando eles mais do que eu com isso. A Católica nada de me dizia, apenas quando ia à missa ao fim da tarde. Letras estava esquecido e apenas servia para comprar livros baratos e usados, que ninguém queria. A cultura estava ao desbarato como uma puta vendida por cinco euros, bem como as instituições citadas, eram putas baratas com o grelo todo assado. Por isso não interessavam a ninguém, não tinham ardor, vida, estavam bloqueadas, o sangue não passava, estavam congeladas. E, ainda assim, eu dormia condignamente só...

# 122.

É a minha mãe, vejam o que se passa com ela. Entende tudo o que é do filho. Injustiçado pelas mais diversas universidades de Lisboa e mesmo de Coimbra. Se fosse um deus, castigar-vos-ia, meus meninos...ainda por cima lascivos e porcos, mal-comportados, aproveitadores e lambões. Pensavam que eu seria um menino de deus todo este tempo? Por mor de quem? Não continuo desempregado e à espera? Que esperar, porém, do ISCTE, quando me chamam de merdas, quando no ICS me jogam fora das instalações, quando, na FCSH um preto segurança anda atrás de mim, quando nas Letras um académico vem ter comigo para eu ir embora? Que esperar desta gente? Insistir, ser violento? Não vale a penas, são interesses, só interesses...Clubites, capelinhas...Ainda assim, continuava a correr sob a pista nove, por fora e sabia que ia bater o recorde de Usain Bolt...correndo pela África do Sul...

# 123.

la ficando velho. Notei isso quando assoprei sobre a cinza da minha secretária e veio uma barofada de cinza atrás, não sei vinda de onde. la tentando não fazer merda, não pondo em risco o que havia conseguido, mas porque ainda tinha bastantes coisas a fazer, não era como muitos, que querem, querem e não conseguem, mesmo tendo ido à guerra de África ou tendo estado em França tempo continuado. Eu tinha esse dom, de recolher quando as coisas não resultavam e reflectia para na próxima fazer melhor. Era assim no sexo, era assim noutras coisas. Talvez por isso sofresse mais. Talvez por isso fosse o melhor, sobretudo porque não tinha holofotes da TV ou do cinema, afinal anda tudo a provar ao resto de que é capaz de fazer alguma coisa, como se viver fosse tudo menos imaginação e espera...

# 124.

O descontraído não passa de viver. O tenso anda comprometido com o mundo e os seus objectivos para com ele mesmo. E o tenso tem mais alegria nele mesmo do que o descontraído, que pensa que fez grande coisa e está na esplanada de papo para o ar sob uma pretensão. A dele mesmo e sua falta de comprometimento para com o mundo. Enquanto isso, o tenso descobre alegria e prazer na coisa feita, que é devidamente entregue ao mundo, para desprazer de seus inimigos e gozo daquele que está de papo para o ar. A vida, o mundo, os dias, têm destes sortilégios, em que uns trabalham para os outros e a seu tempo se divertem.

# 125.

Elas querem o melhor, mas apesar de serem boas à vista não têm coragem para o abordar, pois têm baixa auto-estima e não reflectem porque estão habituadas a usar o corpo e esperar que isso tudo pague face ao homem. Por isso, o melhor passa em branco, fica com ressentimento de não as ter, mas ainda assim prossegue o seu trabalho, esperando que um amor do futuro reitere uma certa forma de injustiça que o faz lutar, ser o melhor. O próprio Deus tem a sua Chica. Por isso, quem se importa? No entanto, o sábio vai sofrendo, em nome de um mundo que lhe é avesso e do qual vai conhecendo os segredos, as manias, com vista a apanhar uma Chica que compense a espera no trabalho...

# 126.

Onde está o amor? Onde está a musa? No entanto, continuo este relato, além de qualquer tese que me garanta um emprego, um contexto mais ou menos familiar. Porque que está aqui agora comigo sou só eu e a minha capacidade de trabalho. Nas letras. Mas a minha raiva não ia longe. Ouvia o Prof. Calixto e o prof. Neca no Bar da SportTV e tudo ficava no sítio, esse orgulho de ser português...*au-delà* da França e da Espanha...

# 127.

Eu queria a Dinamarca ou o País de Gales para o caso de passarmos ante a Bélgica, o que não vai ser fácil, se nos lembrarmos de Hazard, De Bruyne e sobretudo Lukaku. E foi nesse tempo que o médio Erikson desfalecera em campo, é certo que recuperara no hospital, comigo aconteceu o mesmo quando um actor, depois de falar com a minha irmã, ousou chatear-me, o que eu desculpo, como desculpo muita merda que gente sem interesse me tem feito, parecem barotos ou bebés a mamar da teta da mamã ou da gaja mais próxima que por acaso é uma grande vaca. EM nome do quê? Da parvoíce da burrica, do atrasamento que certas pessoas fazem votar a este Portugal fustigado com gente sem interesse, que faz tudo para aparecer.

# 128.

Afinal, o que querem as mulheres? Sim, hoje em dia, o que querem as mulheres? Nem todas querem só festa, aliás, todas querem festa e vida boa, mas muitas gostam de um homem com dois dedos de testa, que as saiba encantar, que lhes saiba falar como um colho ao ouvido. Muitos escritores pessimistas, inócuos, velhos, impotentes, diriam que estamos numa época da estipidez. EU não acho isso, acho que o mundo e a vida social tem cada vez mais graça. Daí a importância da filosofia, da sociologia, da antropologia sócia...

Aí, a certo ponto, eu deixei de investir na amizade com Danny, uma eterna e interminável história. Não quer dizer que o esquecesse. Mas que pensava duas vezes antes de falar com ele, ainda que pudesse cruzar-me com ele em Riachos e com ele falasse.

# 129.

Depois, egoisticamente, em vez de escrever mais, resolvi fumar egoisticamente um cigarro, depois de fazer a barba e de ouvir a Mama do Phil Collins...Apenas queria continuar, com mais ou menos arte pouco importava...Sabia que um dia iria ter sorte, por mais que tivesse navegado só, talvez nunca estivera só...

O estado nevrótico de muitas vedetas da televisão faz com que uma mera menção ou elogio pareça uma ofensa. Acho que o problema de Portugal não está nos políticos, o Costa faz o que pode, faz mais até do que pode, é competente. Creio que o problema está na classe artística, primeiro, que é neurótica e maniqueísta e depois nos académicos, que se escondem e acham banal ter uma qualquer opinião ou entrevista na TV...quando os famosos não fazem outra coisa...

# 130.

Sempre que me chateiam, que se acham superiores a mim, eu penso comigo mesmo “estive do outro lado e estou aqui”. Isso me dá paz e serenidade. Estive para ficar num convento e respeito que lá ficou. Mas estou por aqui. Estive para ficar morto em França, morto em Portugal, e ainda estou aqui. Não sei por que motivos. Ainda estou aqui. Isso dá-me orgulho, reconforta a minha mente. E dá-me coragem para continuar. Porque, afinal, sou um entre muitos, talvez um franciscano arrivista, um homem só sem emprego nem mulher, nem carro. Mas ainda estou aqui, por detrás de tanta obra, de várias teses...

# 131.

O amor não apareceu, nem conhecido nem desconhecido. Podia estar todo o tempo da minha vida à espera. Como não apareceram outras coisas. Noutros países, mais desenvolvidos, como a América do Norte, é mais fácil aparecerem as coisas. O que não quer dizer que tenhamos de ter menos esforço dispendido. Pelo menos, em termos físicos e psíquicos, é mais esforço dispendido. Mas, por aqui, não apareceu. Nem aparece. O amor é uma merda de uma ilusão, de uma desilusão. As mulheres são cada vez mais práticas, apenas vão contigo para a cama se tiveres propriedades e dinheiro à vista, viagens, hotéis, conhecimentos entre os media. Mas há excepções. As sociedades do norte são laicas. Por isso se ficam por si, não vão muito longe. Por isso, uma sociedade como a portuguesa vai mais longe. E acredito que vamos, mais do que vencer a Bélgica, chegar longe neste europeu. Talvez chegar às meias finais. Ou à final e se chegarmos à final vamos vencer. Porque acreditamos, apesar de não termos mulheres propícias. Eu estou há quatro meses nisto. No tempo da pandemia, um ano inteiro passei sem ter contacto algum com mulher alguma. Isto quer dizer muita coisa. Mais do que o contacto de outras pessoas, dentro ou fora da academia...dentro ou fora do convento...

# 132.

Estava fazendo um pouco o que o Conde Monte Cristo fizera aos seus detratores. O ISCTE tocara-me fundo e entristecera-me bastante o alheamento dos seus professores, que jogaram fora o seu maior trunfo, por isso o departamento está decadente, entregue a italianos malucos e a dirigentes obcecados pelas citações em grandes revistas internacionais, como se quisessem deixar essa marca na terra, na mente das pessoas, sempre preocupados com os autores, quando estes apenas querem ser deixados em paz. Básicos. Mas pronto. Tudo bem. E, finalmente, cheguei a um misto de ponto corolário da minha obra, do meu pensamento e simultaneamente ponto de arranque, de viragem para novas investigações, a saber, a obra de Paul Connerton, um antropólogo que apenas escrever duas ou três obras, entre as quais já lida e reflectida por mim, Como as Sociedades Recordam. Precisava de ler esse livrinho de novo, mas em termos de autoconsciência, para aferir mesmo se estava sendo esquecido pela sociedade e como é preciso esquecer para lembrar, de certa forma. De novo, ocorreu Maurice Halbachs e Houellbeck...e fui investigar, passava pouco da meia noite e TV do quarto dava o eco da sala ao lado, quando eu saía do estúdio para beber um café na cozinha. Pensava nos meus, na minha mãe, que sempre acreditou em mim, mesmo que nem sempre o demonstrasse. E o meu pai, vá lá, os meus irmãos, os meus cunhados e sobrinhos. Pensava neles como se já estivesse do outro lado, “onde” ou “em que” não sei se se pensa ou seja um estado anódino de existência, de vida, como os minerais...

# 133.

Até que, finalmente, descobri, vislumbrei uma via aberta para a minha situação. Iria discutir a tese numa universidade Irlandesa por webinar. Mas vi que a coisa era mais difícil do que eu pensava, de modo que comecei de novo a procurar trabalho, fosse como professor fosse outra coisa. E aprendi a esperar, a não viver de um sentimento de injustiça no quotidiano e esquecer as injustiças que me tinham feito. Eles estavam, aqueles que me haviam injustiçado, longe de mim, não me faziam companhia. Porquê então confiar neles?

# 134.

\_Depois, descobri um livro, por acaso, numa obra de psicologia social, que me escapara há muito tempo, *The Varieties of Religious Experience*, de William James, já abordado por um colega de doutoramento que nesses dias era ministro do governo de António Costa...Aí, descobri Habitus e logo me lembrei de Erving Goffman e Pierre Bourdieu e de “Manicómios, Prisões e Conventos” e de como eu tinha a sorte de viver no país que não me havia prendido por ter roubado livros e outras merdas, como um computador, perfumes, roupa. Fosgase...

# 135.

O maior talento do escritor será destapar uma pedra e achar isso natural, tão natural quanto a sua escrita, mesmo que seja filósofo...

Por vezes temos ideias como lanças no terreno adiante, sempre em progressão, mesmo No espaço diminuto de nossa habitação. Outras vezes andamos às voltas com as mesmas ideias e não conseguimos sair daquilo. Sabemos que vamos partir um dia, isso pode acabrunhar-nos ou pode dar-nos força para viver mais e mais. Outras vezes perguntamos que raio de sorte a nossa e o que fizemos para (não) merecer tal e tal estado de espírito. É assim a solidão, mesmo aos cinquenta anos, quando investes na escrita acabas por te tornares uma espécie de bicho, em que quase todos te conhecem e se calhar os melhores amigos são aqueles que não te conhecem...

# 136.

Porque nem em Lisboa nem em Riachos alguém te dá os parabéns seja porque for, a não ser a tua mãe e não te dão palmadinhas nas costas, porque uns têm inveja, outros é por causa da mentalidade que se instalou, especialmente nas redes sociais, a partir dos mais jovens, em que é fácil descaracterizar qualquer ideia de empenho e progresso na pessoas e tudo o que ela construir ao longo de vários anos. O tempo passa, e ainda és novo, mas ninguém te diz nada, estás só e procuras um pouco de metafísica e apocaliptismo para sobreviveres, pelo menos espiritualmente. A tua mente faz pião e então pensas que, finalmente, a psiquiatria e a psicologia não têm razão, a culpa do mal-estar do sujeito, do indivíduo, não é do seu organismo, embora ele possa ser forte ou fraco, isso é relativo, mas é do meio, dos Outros, por isso, afinal, talvez o inferno sejam os outros, não vale a pena estar firmando certezas no amor cristão... embora a religião seja o melhor antídoto às psis...irónico, enquanto toda a Europa de laicizou, Portugal permanece fiel, talvez por isso tenhamos menos males do que os outros, em termos apocalípticos...

# 137.

E, não estarás tu sujeito a implosão quando tens a mente a ferver e não queres prejudicar ninguém, bater em alguém, mesmo que uma ou outra gente o mereça? Eis o aspecto mau das relações, que a ciência não explica e que a religião abafa, ou seja, o mal está presente só porque há o Bem, como explicou Nietzsche. Então, temos de ser neutros, anódinos, para que tudo corra bem na vida social? Como devemos ocupar o tempo? A falta de amor faz-te duro porque queres sobreviver, esperar ainda viver bons momentos. Mas amor a mais também te prejudicar e não te diz nada de como a vida deve ser vivida? E como deve ela ser vivida? Tantos filósofos já explicaram isso, por finas palavras, enquanto a antropologia procura um olhar espesso, que tem a ver com o mundo...

# 138.

É claro que enquanto este ressentimento, devidamente justificado, não se for embora, não haverá lugar ao amor, coisa a que me tenho recusado em nome da ciência social, por isso talvez nem ciência social tenha feito nestes tempos, talvez uma ciência de mim e dos outros do senso-comum, brilhante sem dúvida, mas que ainda não coube, particularmente na academia. Quase tenho chegado ao amor, que faço equivaler à felicidade, sozinho, mas não me aguento por lá muito tempo, preciso de uma pessoa. Por isso procuro e o amor nada será senão uma procura, uma busca incessante e por vezes interessante do bem-estar da alma. Sim, porque me interessa muito mais a alma do que a mente, ou o espírito, desisti de ambos...

# 139.

Não sabia como acabar, com esta coisa do amor. Há tempos que estava praticamente sempre em casa, o que é justificável com esta coisa do COVID. Ainda não apanhara o vírus nem tinha tomado a vacina, tampouco. Esta um pouco irritado, instável, mas atribuía as culpas a mim mesmo, por não ter feito certas coisas bem, por não ter duvidado de uns e acreditado em mim mesmo, logo do início. Creio que acreditei demasiado em certas pessoas, que me foram desiludindo. Podia morder, como o tubarão, de olhos fechados, mas alguém ou qualquer coisa me dizia para não o fazer, para esperar mais um tempo, ter paciência, saber sofrer. Ainda que não ficasse convencido com o que havia de vir, pois tanto tinha lutado, olhava para outros que pouco ou nada tinham e que haviam apenas cometido o pecado de querer viver, de querer estar e manter-se deste lado, porque não sabemos o que está além e eu nem estava além sendo daqui, nem estava imerso no i-mundo das coisas e das relações deste lado. Estava na fronteira, entre França, Espanha e Portugal e acantonado por aqui pois tinha ainda uma espécie de missão a cumprir, quase religiosa...

# 140.

E, nesse dia em que Portugal jogava com a Bélgica, grande equipa, lembrei-me de Corbeil, nos arredores de Paris, e o que eu tinha por lá passado e como me valera São Francisco de Assis para poder recuperar e apanhar o TGV de regresso a Bayonne e logo Irun, Vilar Formoso e Lisboa... Não fora nesse dia à Missa, mas haveria de ir, durante a semana ou no próximo fim de semana e não tendo coragem para ir até à Portela, tinha Moscat e o Parque das Nações. E o meu sentimento para com as miúdas azedava, elas não apareciam, não se aproximavam, mas, também, eu já não queria assim tão, já não as procurava, fisicamente e online e podia assim ser que alguma me calhasse no goto... De modo que o amor é uma quinta em aberto, um lago amplo, uma serra nevada por onde deslizamos, não é um estado extático, aristotélico, isso contamina-o, o amor é uma ideia, um sentimento dinâmico, que evolve e nos faz viver, ao invés de nos fazer definhar...

# 141.

O amor pode ser dádiva. O amor religioso ou mundano. A felicidade, que advém do amor, pode ser uma construção, pode chegar anos a atingir e só em velhos a experimentamos. Veja-se Jim Morrison e Kurt Cobain. Muito cedo conheceram sucesso e todos os prazeres. Ainda assim, morreram cedo e tragicamente. Por isso, a existência é um jogo, uma construção e a felicidade vem em resultado disso. O facto de eu estar à espera da musa, não invalida que me sinta feliz, ainda que alguns digam que sou tolo, porque há essa pretensão e protensão para o Outro. Os outros já estão em mim e não há mal que sempre dure...